

Nº 584 • ANO LII
MAIO 2023 • MENSAL • € 1,50

Revista da **ARMADA**



CONCEITO *LIGHT AND FAST*

TREINO DE VERIFICAÇÃO E VALIDAÇÃO

IN MEMORIAM
ALMIRANTE RIBEIRO
PACHECO

NOVO DESÍGNIO TECNOLÓGICO
FRAGATAS CLASSE VASCO DA
GAMA

FORMAÇÃO DE AGENTES
AGÊNCIA FRONTEX

Dia da Marinha Porto 2023



18 A 21 MAIO
RIBEIRA DO PORTO

Exposições Demonstrativas

Atividades | Meios | Experiências

Arrábida Shopping

5 a 14 de maio

10h00 às 21h00

Parque de estacionamento

da Alfândega do Porto

18 a 21 de maio

10h00 às 21h00

Exposições Interativas

Conhecimento | Simuladores | Realidade Virtual

Norte Shopping

9 a 14 de maio

10h00 às 21h00

Alfândega do Porto –

Sala dos Despachantes

18 a 21 de maio

10h00 às 21h00

Batismos de mar e Visitas aos navios

Cais da Polícia Marítima e Ribeira do Porto (Cais da Estiva)

18 a 21 de maio

Das 10h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00

Inauguração do Monumento Dia da Marinha 2023

Capela-Farol de São Miguel-o-Anjo

18 de maio às 15h00

Concerto pela Banda da Armada e Miguel Guedes

Parque estacionamento da Alfândega do Porto

19 de maio às 21h30

Cerimónia Religiosa

Igreja de São Francisco

21 de maio às 10h30

Cerimónia Militar

Rua Nova da Alfândega do Porto

21 de maio às 12h00

Demonstração de Capacidades

Rio Douro junto à Alfândega do Porto

21 de maio às 13h30



para mais
informações

Porto.



SUMÁRIO

- 02** Programa Dia da Marinha

- 10** Marex 23-1
NRP *Corte Real*

- 12** NRP *Zaire*. Cinco anos na República Democrática de São Tomé e Príncipe

- 14** Conceito *Light and Fast* – Treino de verificação e validação

- 16** Informação e Segurança (3)

- 21** Guerra no Pacífico. A batalha do Mar de Bismarck

- 22** Plataforma *Google Arts & Culture*
Aquário Vasco da Gama

- 25** Clube do Sargento da Armada
Apresentação de cumprimentos

- 26** Cadetes da Escola Naval realizam exercício de remo em bote no Rio Tejo

- 28** Entregas de Comando / Tomadas de Posse

- 30** Livro

- 31** Foi assim... (07)

- 32** Alternativas ao GPS
Homenagem Nacional aos Combatentes 2023 – Programa

- 33** Quarto de Folga

- 34** Notícias Pessoais / Convívios

- 35** Concurso de Fotografia

- CC** Marinha Portuguesa em Selos (V)



Revista da
ARMADA

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 584 / Ano LII
Maio 2023

Revista registada na ERC
Registo nº 127719
Depósito Legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Propriedade
Marinha Portuguesa
NIPC 600012662

Diretor
CALM Aníbal José Ramos Borges

Chefe de Redação
CMG M Fernando Manuel Carrondo Dias

Redatora
CTEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

Secretário de Redação
SCH CM Paulo Jorge Dias Matias

Desenho Gráfico
SMOR C Vítor Augusto de Jesus da Assunção

Administração, Redação e Edição
Revista da Armada- Edifício das Instalações Centrais da Marinha- Rua do Arsenal 1149-001 Lisboa- Portugal
Telef: 21 159 32 54
(Chamada para a rede fixa nacional)

Estatuto Editorial
www.marinha.pt/pt/Servicos/Paginas/revista-armada.aspx

E-mail da Revista da Armada
revista.armada@marinha.pt
ra.sec@marinha.pt

Paginação eletrónica e produção
What Colour Is This?
wcit.pt
info@wcit.pt
Tl: +351219267950
(Chamada para a rede fixa nacional)

Tiragem média mensal:
3700 exemplares

IN MEMORIAM **04** ALMIRANTE RIBEIRO PACHECO



17 NOVO DESÍGNIO TECNOLÓGICO FRAGATAS CLASSE VASCO DA GAMA



FORMAÇÃO DE AGENTES AGÊNCIA FRONTEX **23**



Capa

Conceito *Light and Fast* – Treino de verificação e validação

Composição gráfica SMOR C Jesus da Assunção



ERA UM HOMEM FUNDAMENTALMENTE BOM

João José de Freitas Ribeiro Pacheco nasceu no dia 13 de Setembro de 1934, em Lisboa, e faleceu a 28 de Fevereiro de 2023, em Lisboa.

Quis o destino que me caiba, como chefe do curso “Gonçalves Zarco”, evocar nestas páginas a memória do Almirante Ribeiro Pacheco, quando o mesmo fez meu pai, em 1967, nos Anais do Clube Militar Naval, em relação a seu pai, Comandante Américo das Neves Pacheco, em que destacava a sua bondade, a sua generosidade, a sua tolerância. Tal pai, tal filho, ao Almirante Ribeiro Pacheco se podem atribuir as mesmas qualidades. Era um homem fundamentalmente bom.

É doloroso recordar um camarada de curso que nos deixa para sempre, a que nos ligava uma amizade de quase oito décadas e que alcançou o topo da carreira militar. É-me mais fácil recordar o amigo João José.

Conhecemo-nos nos bancos do Liceu Camões, em que chegámos a frequentar a mesma turma durante algum tempo. Terminou o liceu em Moçambique, quando acompanhou seu pai numa comissão naquela província. Viemos a encontrar-nos de novo na Faculdade de Ciências de Lisboa frequentando os Preparatórios Militares para o ingresso na Escola Naval. Este não foi fácil para o candidato Ribeiro Pacheco, pois sendo bastante avesso à prática de qualquer desporto, viu-se em grande dificuldade para superar as provas físicas de admissão.

No último ano do curso esteve em risco de terminar cedo a sua carreira naval, pois tendo sido apanhado pelo oficial de serviço num pequeno episódio de praxe, ele que nem a fazia por rotina, iria ser castigado com 20 dias de detenção, que adicionados a um pequeno castigo anterior, significava naquele tempo a expulsão do Corpo de Alunos. Naquele ano o Comando da Escola Naval queria eliminar a praxe que então se praticava, e pretendia dar um exemplo da sua determinação. Na qualidade de cadete mais antigo do internato, “negocieii” com o então 2º Comandante Flávio de Oliveira e Sousa o fim da praxe em troca do perdão do cadete Ribeiro Pacheco. Aceite o acordo, foi mais fácil convencer os camaradas que a praticavam a terminar todas as actividades da praxe. O João José várias vezes recordava este episódio, dizendo que me devia a sua permanência na carreira. Nunca se saberá se a ameaça do Comando da Escola era, efectivamente, para ser cumprida!

Iniciou a sua carreira, como oficial, num período de grande evolução da Armada Portuguesa. Em consequência da Guerra da Coreia, era a guerra de minas que preocupava a NATO e o resultado foi a entrada na nossa esquadra, num curto espaço de tempo, de doze draga-minas, oito costeiros e quatro oceânicos. A falta de oficiais era tão premente, que outros camaradas de curso foram imediatos desses navios ainda como GMAR; o João José, apenas promovido a 2TEN, foi-o do draga-minas *Lagoa*. Seguiu-se a especialização em comunicações e o embarque, como chefe de serviço, no contratorpedeiro *Dão*, na fragata *Corte Real*, no navio petrolífero *Sam Brás* e em outras unidades da Armada.

O início da guerra em África, e a posterior reactivação dos Fuzileiros no seio da Armada, significou uma mudança profunda na vida do João José. Para quem pertencia a uma família de marinheiros e que tinha escolhido a profissão para andar no mar, a escolha para a frequência do Curso de Fuzileiro Especial não foi uma agradável surpresa. Mas, como sempre fez na sua vida, aceitou e cumpriu. O próprio corpo se alterou, ganhou presteza física e foi um excelente Comandante do Destacamento de Fuzileiros Especiais nº 7. Participou na guerra na Guiné, era estimado do seu pessoal, pois nunca punha,



Foto Escola Naval



Fotos Arquivo Histórico da BCM

desnecessariamente, os seus homens em risco quando havia a alternativa para o fazer sem afectar o cumprimento da missão.

Ferido num pé, foi obrigado a interromper a comissão e iniciou um prolongado e doloroso período de recuperação em Portugal e na Alemanha. Sofreu sequelas do ferimento durante toda a sua vida.

Iniciaram-se, então, as suas nomeações para funções em que se evidenciaram o seu equilíbrio e o seu bom senso, de que destaque as que exerceu, já promovido a CTEN, a de Capitão do Porto de Cabo Verde, e como CFR, a de Comandante da fragata *Almirante Magalhães Correia*.

Após o 25 de Abril foi chamado a desempenhar funções de chefia no seio dos Fuzileiros e teve uma actuação importante em 25 de Novembro de 1975, quando apoiado pelo seu cunhado também fuzileiro, o recentemente falecido VALM Reis Rodrigues, evitou que alguns fuzileiros quebrassem a normal cadeia de comando, o que poderia ter tido consequências muito graves naquela confusa situação.

Com o exercício das mais diversas funções nas áreas do Pessoal e do Ensino, que culminaram com a nomeação para Superintendente dos Serviços do Pessoal, após ter sido Subdirector no Instituto Superior Naval de Guerra e Director-Geral do Instituto Hidrográfico, em que se destacaram as suas qualidades de gestor equilibrado e sensato, não foi surpresa a sua nomeação para o cargo de Chefe de Estado-Maior da

Armada (CEMA). Sempre desempenhou as suas funções com abnegação e coragem.

Depois de deixar o serviço activo, ainda desempenhou uma actividade importante no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Foi distinguido com inúmeras condecorações, de que se destacam uma medalha da Cruz de Guerra, duas medalhas de Mérito Militar, cinco medalhas de Serviços Distintos e o distintivo da Cruz de Guerra.

Os últimos anos do Almirante Ribeiro Pacheco foram muito dolorosos devido à doença que se veio agravando e aos tratamentos a que foi submetido. A tudo resistiu com resignação, acompanhado pela sua dedicada companheira de sempre, a Dani.

É precisamente à Dani, a suas filhas Daniela Maria e Maria João, assim como a todos os seus familiares que manifesto sinceros sentimentos de pesar em meu nome e no dos restantes camaradas do curso "Gonçalves Zarco". O João José partiu, mas restará sempre connosco a recordação de um bom camarada e de uma excelente pessoa.



Falcão de Campos
CMG ECN

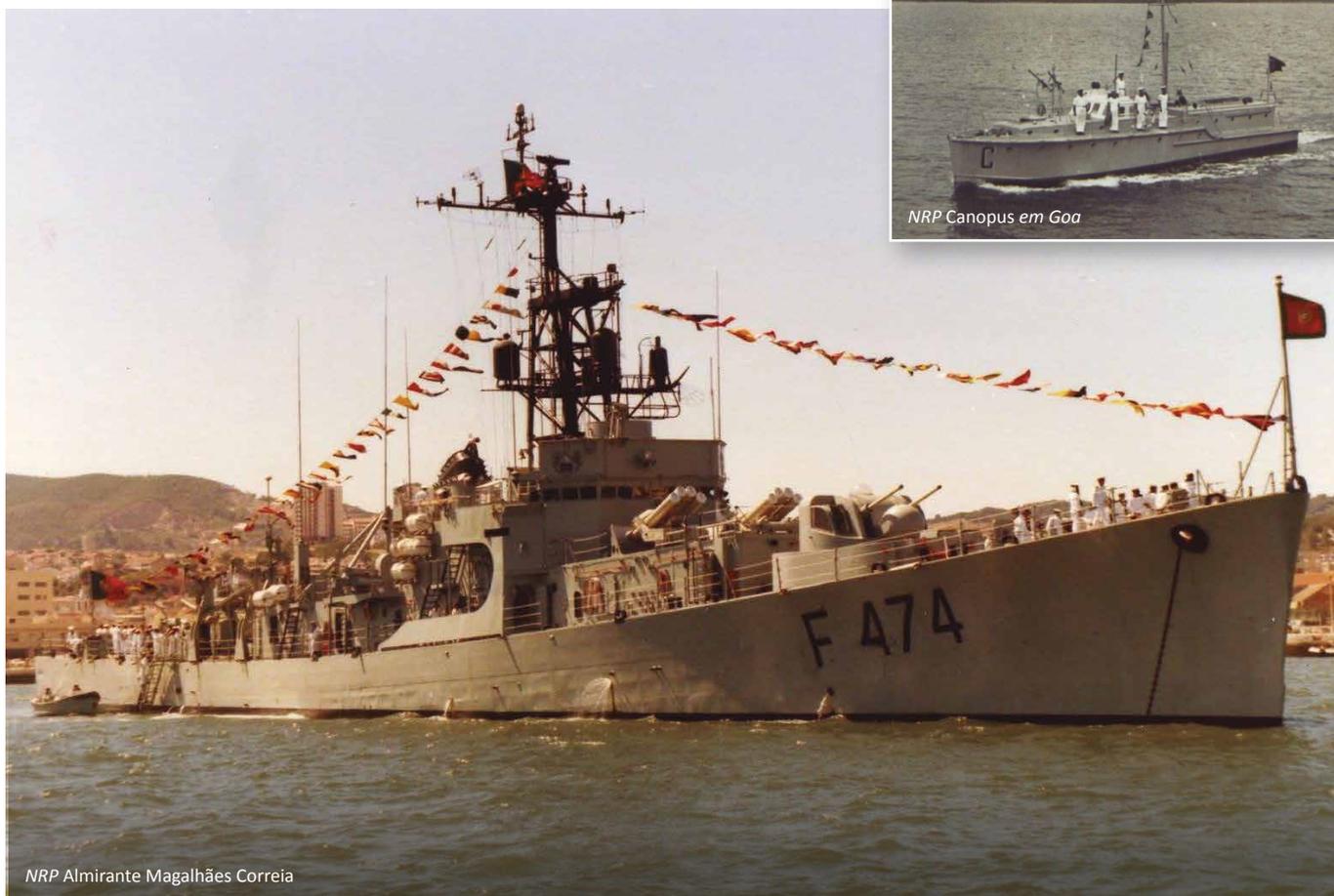
N.R.

O autor não adota o novo acordo ortográfico.



NRP Canopus em Goa

Foto Arquivo Histórico da BCM



NRP Almirante Magalhães Correia

"O JEPÃO"



O então 1TEN da classe de Marinha, João José de Freias Ribeiro Pacheco, foi nomeado para a especialização em Fuzileiro Especial (FZE), tendo frequentado o respetivo curso de Maio a Agosto de 1963, após o que foi nomeado Comandante do Destacamento nº 7 de Fuzileiros Especiais (DFE 7) com destino à Guiné.

Com apenas parte do DFE 7 (as faltas de pessoal só foram “tapadas” com recurso a pessoal do curso de FZE seguinte), embarcou na fragata Diogo Gomes com destino à ilha de Bolama, na província da Guiné.

Aí chegados, aguardava-nos um “barracão” que viria a servir de instalações durante toda a comissão. Pela frente havia muito trabalho de maneira a criar as condições mínimas de habitabilidade e segurança para os dois anos de comissão que nos esperavam. Todas essas “obras” (escoteria, casa de banho, cozinha, posto radionaval, enfermaria, secretaria, paiol de géneros, gerador, oficina de motores fora de borda e garagem, para além das instalações de oficinas, sargentos e praças, não esquecendo a respetiva cantina/bar e campo de desportos, entre outros).



Isto tudo para dizer que a ação do nosso Comandante foi extremamente importante para motivar o pessoal e realizar estas “obras” nos intervalos operacionais, reforçando o espírito de grupo e conhecimentos pessoais de cada elemento do Destacamento.

Tornou-se ainda necessário criar/treinar nos terrenos anexos ao aquartelamento, toda a ação a desenvolver na envolvimento real que era a guerra. Foi nesta área que realmente mais se destacou a influência transmitida pelo Comandante – o espírito de grupo de combate demonstrado no campo operacional.

No teatro da guerra também se destacava a ação do Comandante Ribeiro Pacheco, a sua elevada consciência militar e humana sempre honrou os Fuzileiros, a Marinha e o País, protegendo o seu pessoal, mas sempre cumprindo as nossas missões. Para além das diversas operações realizadas, há ainda a realçar todas as ações de fiscalização da bacia hidrográfica de Bolama e dos rios a sul da Guiné por onde o então inimigo fazia as “cambanças” de armamento e abastecimento, estando toda essa área atribuída ao DFE 7.

Foi o Comandante Pacheco ferido com gravidade num pé durante uma operação, o que obrigou à sua evacuação para o Hospital de Marinha em Lisboa.

Tivemos, na realidade, dois mortos em combate durante a operação “Remate”, no dia 25 de Outubro de 1964, já após o ferimento do Comandante, mas até hoje fica-nos a ideia de que, caso ele estivesse a comandar no terreno, tal não aconteceria.

A estima, amizade e camaradagem é ainda hoje bem patente entre todos os elementos do DFE 7, quer em encontros casuais ou nos encontros anuais que habitualmente se realizam e onde participam grande parte dos seus elementos e familiares (até já há familiares como organizadores). Isto para dizer que o espírito e camaradagem transmitido e criado por nós se mantém e continua apesar de já terem falecido mais de 50% dos elementos do Destacamento.

Ainda hoje o nosso tratamento é feito, com muto agrado, pelas “alcnhas” que todos tínhamos, isto para explicar a razão do Senhor Comandante Pacheco ser tratado pela alcunha de “Jepão” que vinha já da altura do curso de FZE onde, em marcha, tinha uma passada larga, obrigando-nos a abrir o “compasso” para o poder acompanhar. Com tal passada, só as viaturas “Jepão” ao

serviço nos Fuzileiros, eram comparáveis ao seu andamento.

As alcnhas perduram para toda a vida, sendo aceites com muita amizade e camaradagem; até os familiares as utilizam amiúde. Este introito serve apenas para contar o seguinte episódio que se passou com o Senhor Comandante Pacheco:

“A esposa de um camarada do Destacamento encontrou-o na baixa de Lisboa, tendo-se dirigido a ele a perguntar se não era o Senhor “Jepão”, tendo obtido a resposta que sim, era ele, e a senhora deveria ser a esposa do “Coxo”.

Eis uma descrição do que foi o DFE7 da Guiné nos anos de 1963/65, e do seu Comandante, do ensino que em nós deixou para toda a vida e do espírito de camaradagem e amizade que jamais deixará de existir e cujo lema é: “Nem melhores, nem piores, apenas e só diferentes”.



Mário Francisco Sortelha Martins

1º Sarg. FZE

17156/8782 “O Puto”

N.R.

O autor não adota o novo acordo ortográfico.

NOS CAMINHOS DO INSTITUTO HIDROGRÁFICO

Conheci o Almirante Ribeiro Pacheco na sua primeira comissão no Instituto Hidrográfico (IH) como Director dos Serviços de Apoio. Nos contactos relacionados com as funções de Oficial de Serviço, tive a oportunidade de constatar que o Almirante Ribeiro Pacheco era um oficial de grande carisma, ponderado e dotado de um bom senso que se traduzia nas decisões que tomava, contribuindo para criar um bom relacionamento com os militares e civis que com ele privavam.

Mais tarde, em 1986, tive o privilégio, durante a frequência do Master of Sciences in Hydrographic Sciences, na Naval Postgraduate School (NPS), em Monterey – Estados Unidos da América – no âmbito do Curso de Engenheiro Hidrógrafo, ter sido contactado pelo Adido de Defesa em Washington, Almirante Malheiro Garcia, no sentido de poder ajudar a preparar a vinda do Almirante Ribeiro Pacheco e sua esposa, a Monterey, pois iria frequentar na NPS o “Senior International Defense Management Course”, durante um mês.

A logística em Monterey não era fácil, manifestei de imediato a disponibilidade para oferecer o meu apartamento durante a nossa ausência, pois grande parte do curso iria coincidir com o meu período de férias escolares e viajava com a família para Portugal. Tinha uma admiração pelo Almirante Ribeiro Pacheco, desde a sua passagem pelo IH, face ao bom relacionamento que criou nessa altura. Aceitaram!

Após o nosso regresso e durante o resto da sua estadia em Monterey, tivemos oportunidade de conviver e partilhar momentos que perduraram até sempre!

Quis o destino que o Almirante Ribeiro Pacheco fosse nomeado Diretor Geral do IH, cargo que desempenhou de 9 de maio de 1989 a 3 de abril de 1991. Período difícil, durante o qual o funcionamento do Instituto esteve condicionado por

diversas dificuldades, nomeadamente: a não promulgação de legislação sobre o seu enquadramento e sua organização, para substituição da existente, promulgada em 1970, desajustada face às solicitações e compromissos nacionais e internacionais; a inexistência de meio naval oceânico operacional; e a necessidade de ampliação das suas instalações.

Apesar de todas as limitações, o Almirante Ribeiro Pacheco, com o seu carisma, a ponderação com que tomava as decisões e o excelente relacionalmente que criou entre oficiais e civis, contribuiu para a criação de um ambiente exigente, mas saudável, no IH e assim, ultrapassar algumas dificuldades. Foram desenvolvidos grandes projetos, tais como: o estudo de métodos de navegação para utilização nos navios; o estudo da ondulação, financiado pela NATO; a aquisição de novos equipamentos de hidrografia; a investigação nas áreas da oceanografia física e química e nas áreas da geologia marítima.

O seu profissionalismo e dedicação, bem como o interesse demonstrado quer nas atividades do IH, quer no desenvolvimento de novos sistemas e metodologias, quer ainda no acompanhamento da evolução destes projetos, levou-o a visitar o *Service Hydrographique et Océanographique de la Marine* (Serviço Hidrográfico e Oceanográfico da Marinha Francesa), acompanhado pelo Chefe da Divisão da Cartografia Náutica, Comte. Ramos da Silva e por mim, Chefe do Centro de Informática Científica. Pôde, assim, verificar outros sistemas atuais, nomeadamente o de produção de cartografia náutica usado naquele serviço e que poderia servir de exemplo para o IH.

Mais tarde, como Chefe de Estado Maior da Armada, que tanto nos orgulhou, a nossa amizade foi sempre reconhecida e tivemos o privilegio de partilhar momentos inesquecíveis ao seu lado, sempre com a sua esposa “Tia Dany” e família.

Apesar da nossa diferença de idades, o Almirante Ribeiro Pacheco passara a ser para nós uma referência, quer pessoal quer profissional, e a nossa amizade foi consolidando e enriquecendo até ao dia que, infelizmente, o Almirante nos deixou!

A passagem à reforma, injusta à data, não descorou a nossa amizade e convívio, pois nos momentos importantes do Almirante Ribeiro Pacheco tivemos o privilégio de estarmos presentes.

Não posso esquecer a sua preocupação e dedicação à Marinha, pois sempre que falávamos perguntava “Então Ezequiel, como vai a nossa Marinha?”. Apesar de afastado e da sua reserva no tocante ao que se passava na Marinha, continuava preocupado, pois considerava-a sua, como o é de todos os que dela fizeram ou fazem o seu modo de vida.

Citando Antoine de Saint-Exupéry, “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. Foi uma honra e um orgulho conhecer e servir na Marinha com o Almirante Ribeiro Pacheco, assim como manifesto a minha gratidão pela sua amizade, da sua esposa e restante família, filhas, genro e netos.



Colaboração do **VALM AUGUSTO MOURÃO EZEQUIEL**

N.R.

O autor não adota o novo acordo ortográfico.



CHEFE DE ESTADO-MAIOR DA ARMADA

O Almirante Ribeiro Pacheco tomou posse como CEMA no dia 28 de março de 1994 no Palácio de Belém, conferida pelo Presidente da República Dr. Mário Soares e testemunhada por altas personalidades entre as quais o Ministro da Defesa Nacional, o Ministro do Mar, os Marechais António de Spínola e Francisco da Costa Gomes, presenças bem demonstrativas do prestígio pessoal granjeado ao longo da sua carreira, designadamente como Comandante do Destacamento de Fuzileiros n.º 97 (64/65) e Comandante da Força de Fuzileiros do Continente (74/75).

No desempenho do mais alto cargo na Marinha, o Almirante Ribeiro Pacheco sempre deixou bem vincado o seu inquestionável caráter, princípios éticos e morais, norteados consistentemente a sua irrepreensível postura em prol da instituição que tanto privilegiou, distinguindo-se sempre pelo respeitoso

relacionamento para com todos os que com ele trabalhavam e privavam.

Coube à gestão do Almirante Pacheco a consolidação organizativa, a renovação da formação e gestão do pessoal, para além da implementação de novos conceitos de manutenção, de logística, do emprego operacional e da certificação das guarnições das novas fragatas da classe Vasco da Gama, incluindo a integração dos helicópteros orgânicos.

Também de salientar as necessárias regulamentações, remodelações organizativas e operacionais decorrentes da incorporação de mulheres militares na Marinha, com início em janeiro de 1993, tendo as primeiras seis embarcado no NRP *Bérrio* em setembro de 1993.

Durante o seu mandato, entrou em vigor a Lei Orgânica da Marinha (LOMAR), regulamentada por decreto-lei de setembro de 1994, implicando alterações significativas: na reestruturação orgânica do apoio à gestão, originando a criação da Direção de Análise e Métodos de Apoio à Gestão; na reorganização da estrutura do Comando Naval e Comandos de Zona Marítima, dos Fuzileiros e dos Comandos Administrativos da Esquadra; e na estrutura de planeamento e manutenção dos meios navais.

Constituiu, também, um objetivo do ALM Pacheco, a preparação da Marinha para o século XXI, cujo primeiro desafio foi garantir o comando da STANAVFORLANT – assegurado de abril 1995 a abril 1996 pelo CALM Reis Rodrigues – envolvendo as três fragatas da classe *Vasco da Gama* e o reabastecedor de esquadra *Bérrio*, em operações no Adriático, tendo o CEMA visitado o NRP *Bérrio* e o navio-chefe NRP *Álvares Cabral* em setembro de 1995.

Apesar de, no âmbito da LOMAR, o Sistema de Autoridade Marítima (SAM) ter transitado para a dependência do Ministro da Defesa Nacional, ficando o CEMA a exercer competências delegadas com recurso aos meios da Marinha, o ALM Pacheco sempre dirimiu com a tutela no sentido de tentar demonstrar a importância de manter a unidade total do SAM centrado na Marinha.

Sob a gestão do Almirante Pacheco foi executada a reestruturação do parque escolar, face à necessidade de encerrar o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada em Vila Franca de Xira e centrar a área escolar no Alfeite e a Escola de Alunos Marinheiros na Escola de Fuzileiros.

Para além da complexa problemática inerente ao desempenho do cargo de CEMA, teve o ALM Ribeiro Pacheco que lidar com um inusitado número de acidentes e incidentes com navios da Marinha, alguns dos quais concentraram ampla divulgação e discussão mediática, nomeadamente: a violenta explosão ocorrida durante o afundamento, em 8NOV1994, do NRP S. *Miguel* carregado com munições obsoletas da Marinha, do Exército e da Força Aérea; a colisão, em 1995, entre o reabastecedor canadiano *Preserver* e a fragata *Comandante Roberto Ivens*; a colisão, em abril de 1995, entre o contratorpedeiro italiano *Durand de La Penne* e a corveta *Oliveira e Carmo*; o grave acidente do submarino *Barracuda*, em fevereiro de 1995, colidindo com um navio mercante ao proceder para a cota periscópica, tendo danificado a torre e o periscópio; e o abalroamento entre os dois patrulhas envolvidos nas atividades programadas no âmbito das comemorações do Dia da Marinha, na Nazaré, em julho de 1995.

Apesar da sensibilidade inerente às ocorrências, o Almirante Pacheco soube conduzir a sua postura no sentido de preservar, prioritariamente, a unidade e a coesão global da Marinha, tendo ordenado, com caráter de urgência, um estudo para analisar amplamente as razões de tão significativo número de acidentes marítimos e elencar um conjunto de propostas concretas para corrigir as situações identificáveis como causadoras dos acidentes. Posteriormente, determinou a adoção de medidas prioritárias, que demonstraram ser diferenciadoras, designadamente orientadas para a formação e treino do pessoal, com incidência no treino de mar.

Ainda sob a sua orientação foi elaborado um estudo/planeamento realista para a Marinha do século XXI, a qual incluía, designadamente, um navio polivalente logístico, o reequipamento dos Fuzileiros, a continuação da arma submarina,



28 de Março de 1994 a 1 de Abril de 1997

a reconstrução da capacidade da guerra de minas e a renovação da construção de patrulhas recorrendo, sempre que possível, à indústria de construção naval nacional.

A este propósito, recorda-se o planeamento da visita do CEMA aos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, tendo o Almirante Pacheco advertido o oficial do seu Gabinete, que preparava a visita, para ter em linha de conta que detestava lampreia, no caso de estar previsto almoço. Posteriormente, ficou incrédulo ao ouvir o referido oficial, ao telefone, a referir: “*Lampreia? Com certeza, o senhor Almirante adora lampreia... mas se houver uma alternativa qualquer, muito agradecida*”. Seguiram-se três sonoras gargalhadas, uma do outro lado da linha, outra do autor da graça e uma terceira do próprio Almirante, que bem conhecia o seu oficial.

Como Chefe da Marinha, o Almirante Ribeiro Pacheco promoveu a realização, em Lisboa, da primeira reunião dos chefes das Marinhas dos PALOP, e fez visitas oficiais muito importantes aos Estados Unidos da América, a Itália, à China e a França, a convite dos Chefes das respetivas Marinhas, com significativos resultados institucionais, sendo sempre recebido com elevada consideração e distinta amizade.



Colaboração do VALM SOARES RIBEIRO

N.R.

Agradecimentos aos CMG Brites Nunes e CMG AN Alegre Branco.

MAREX 23-1

NRP CORTE-REAL



No âmbito das relações bilaterais com as Marinhas aliadas, a convite da Armada Espanhola o NRP *Corte-Real* participou num exercício de oportunidade designado MAREX 23-1, que contou com a participação de diversos meios da NATO.

CONCEITO E MEIOS ENVOLVIDOS

A Armada Espanhola, *host nation* do exercício, contribuiu com três fragatas da classe Álvaro de Bazán (F100), nomeadamente as ESPS *Alm. Juan de Borbón* (flagship da força espanhola), ESPS *Cristóbal Colón* e ESPS *Mendez Nuñez*. A Marinha Real do Canadá empregou a fragata HMCS *Móntreal* e o reabastecedor NRU¹ *Ásterix*. No que concerne aos meios das Forças Armadas portuguesas, a Marinha contribuiu com o NRP *Corte-Real* e com o NRP *Arpão*, e a Força Aérea empregou uma aeronave de patrulha marítima P3C *Orion*.

O MAREX 23-1 focou-se na manutenção e incremento dos padrões de prontidão operacionais das diversas unidades envolvidas, nomeadamente nas operações de guerra antiaérea, superfície e subsuperfície e na área da navegação, incluindo ações de reabastecimento no mar, ações de abordagem e ainda, exercícios de limitações de avarias.

EXERCÍCIOS NAVAIS PORTUGAL/ESPANHA/CANADÁ

O exercício iniciou-se no dia 5 de fevereiro; as três fragatas espanholas largaram da Base Naval de Ferrol e os navios canadianos saíram do Porto de Lisboa, onde tinham efetuado uma paragem logística e de regeneração. De início deu-se

um ENCOUNTEREX na Zona Marítima do Centro, com a força espanhola a tentar detetar e neutralizar a força opositora na madrugada do dia 6 de fevereiro.

Por essa altura, a fragata *Corte-Real* e o submarino *Arpão* já se preparavam para largar da Base Naval de Lisboa, com o objetivo de se juntarem à força durante a tarde do dia 6. Com a força naval reunida, foi dado início a uma série de guerra antissubmarina, com o NRP *Arpão* a desempenhar a tarefa de submarino opositor à força naval composta por um reabastecedor e cinco escoltas oceânicos. Este exercício foi muito proveitoso e alcançou os objetivos de familiarização com um submarino moderno, com capacidade de sensores e armas reconhecidos como avançados.

O dia 7 de fevereiro foi repleto de exercícios de tiro de artilharia naval e de guerra antissubmarina, onde também participou a aeronave P3C *Orion* da Força Aérea. Houve, ainda, a oportunidade de o NRP *Corte-Real* e o ESPS *Alm. Juan de Borbón* efetuarem reabastecimento no mar com o NRU *Ásterix*. Tão profícuo dia de treino terminou com o trânsito da *Corte-Real* e das três fragatas da Armada Espanhola para o Golfo de Cadiz, enquanto cessava a participação do NRP *Arpão* e o empenhamento das unidades da Marinha Real do Canadá, que prosseguiram a sua missão para o espaço Indo-asiático.





EXERCÍCIOS NAVAIS PORTUGAL/ESPANHA

Nos dois dias seguintes, 8 e 9 de fevereiro, o MAREX 23-1 decorreu já no Golfo de Cádiz, tendo-se realizado:

- Duas séries de guerra aérea com a participação de aeronaves F/A-18 *Hornet* da Força Aérea Espanhola;
- Duas ações de abordagem entre navios da força;

Dois exercícios de guerra de superfície, onde as fragatas *Corte-Real* e *Cristóbal Colón*, oriundas do Estreito de Gibraltar, defrontaram as fragatas *Alm. Juan de Borbón* e *Mendez Nuñez* que protegiam o Porto de Cadiz. Refira-se que, apesar dos seus já 32 anos, a fragata *Corte-Real* cumpriu o objetivo, afundando as duas F100 espanholas opositoras por duas vezes.

Antes da força espanhola se separar, e aproveitando uma melhoria no estado do mar, houve ainda a oportunidade de o Comandante da *Corte-Real* receber a bordo o COMANDES-31 (Comandante da força espanhola) e os comandantes das fragatas espanholas, tendo sido abordada a importância da participação ibérica em mais exercícios conjuntos, com diversos meios modernos e capacidades de Comando e Controlo avançadas.

Terminados estes exercícios seriados, a *ESPS Mendez Nuñez* permaneceu no Golfo de Cadiz e a restante força iniciou trânsito para o Porto de Lisboa, onde duas das fragatas da Armada Espanhola vieram a atracar na manhã do dia 11 de fevereiro.

PASSEX PORTUGAL/FRANÇA E CONCLUSÕES

Por esta altura, e já fora do âmbito do MAREX 23-1, largava do porto de Lisboa a fragata da Marinha Francesa FS *Bretagne*, da classe FREMM, tendo-se realizado uma série de exercícios de oportunidade (PASSEX) com o NRP *Corte-Real*. Esses exercícios consistiram numa série de manobras e evoluções, um *cross-deck operations* com o helicóptero orgânico NH90 *Sea Lion*, e aproximações para reabastecimento no mar entre os dois navios.

No final do dia 11 a fragata *Corte-Real* deu por terminada a sua participação no MAREX 23-1 e no PASSEX com a FS *Bretagne*, tendo regressado à BNL com resultados muito positivos pois, apesar das condições meteo-oceanográficas desfavoráveis que se fizeram sentir, o seu empenhamento contribuiu para a manutenção dos padrões de prontidão.

O desempenho da fragata portuguesa foi alvo de mensagem de agradecimento do COMANDES 31. Foi, também, a primeira vez que o NRP *Corte-Real* foi empenhado num exercício operacional no seu novo estado de lotação normal, tendo este empenhamento trazido valor agregado no sentido de experimentar e validar a nova lotação normal, que nunca tinha sido verdadeiramente testada.

Através destes exercícios de oportunidade, as Forças Armadas da NATO afirmam a sua determinação em manterem a sua interoperabilidade conjunta e combinada, mostrando-se prontas, resilientes e credíveis.



Colaboração do COMANDO DO NRP CORTE-REAL

Nota

¹ Acrónimo anglo-saxónico de Naval Replenishment Unit, i.e., um navio porta-contentores civil (ex- MS *Cynthia*) comprado no âmbito do Projeto Resolve pela Federal Fleet Services e transformado em navio de apoio (em sistema de *leasing*) da Marinha Real do Canadá. Operará ao serviço da Marinha até esta dispor dos navios reabastecedores da nova classe *Protecteur*. A maioria da sua tripulação pertence à Marinha Mercante, havendo também pessoal militar a bordo.

NRP ZAIRE

CINCO ANOS NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



O NRP *Zaire* comemorou recentemente, em São Tomé e Príncipe (STP), o seu 51.º aniversário e o seu 5.º aniversário em missão de Apoio à Fiscalização dos Espaços Marítimos e de Capacitação Operacional Marítima¹ desse país. Essa missão é de assinalável importância, dado que STP conta com uma Guarda Costeira ainda em processo de capacitação e sem os meios oceânicos que lhe outorgariam a capacidade de vigiar e patrulhar as águas sob a sua soberania e/ou jurisdição nacional.

PIRATARIA E CRIMINALIDADE MARÍTIMA



O Golfo da Guiné constitui uma importante região do Atlântico Sul, pois concentra 70% da produção de petróleo de África. Esta fonte de recursos energéticos

realça a importância do mar, através do qual são efetuadas 90% das importações e exportações do continente africano.

STP situa-se num ponto estrategicamente fulcral para o tráfego marítimo ao largo da costa africana ocidental, no Golfo da Guiné. Nesse sentido, é fundamental garantir a segurança marítima, sendo que nos últimos anos a pirataria marítima na região passou por fases distintas - um período de acentuado crescimento, sucedido por um período de decréscimo e, atualmente, uma aparente estagnação. Em 2022 apenas ocorreu um incidente na Zona Económica Exclusiva de STP, mas sem consequências relevantes.

CINCO ANOS DEPOIS ...

A missão atribuída ao NRP *Zaire* é única, uma vez que o navio português é operado por uma guarnição mista, constituída por militares portugueses e santomenses. Estes últimos, ao longo dos últimos anos, têm recebido formação e desempenhado as funções gerais de bordo, enriquecendo a sua experiência e conhecimentos técnicos de marinheiro, a fim de permitir que, no futuro, consigam operar meios navais com maior capacidade do que os que o país atualmente possui, de forma a garantir a segurança da navegação em todo o seu território marítimo.

Para além da vigilância e fiscalização dos espaços marítimos sob jurisdição de STP, o navio promove atividades de apoio logístico e de formação em áreas tão diversas como a saúde, a limitação de avarias, a abordagem a navios, as manutenções, etc.

Em 5 anos, o que corresponde a 1825 dias de missão, o navio percorreu já praticamente 34 mil milhas, mais do que uma volta completa ao mundo. O navio tem participado em exercícios internacionais, que têm como principais objetivos a consciencialização sobre o domínio marítimo, a cooperação

regional, as boas práticas de aquisição e partilha de informação e a promoção de segurança regional. Destaque para as participações em:

- Quatro edições anuais do exercício *Obangame Express*² (a última – OE23³ – ocorreu já no decorrer deste ano, entre 23JAN e 03FEV);
- Exercícios *Grand African Nemo* e *European Maritime Security*; e
- Um exercício internacional organizado pelo Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime.

Estes exercícios e treinos proporcionam interações com as Marinhas e Guarda Costeiras da região e de outros países que operam nesta área, sendo de inegável importância. Sabendo da presença do NRP *Zaire* em águas de São Tomé e Príncipe, tal levou já à sua ativação no decurso de vários pedidos de auxílio resultantes de ataques à navegação mercante na área. O último caso ocorreu já este ano, quando o navio mercante *MV Libra* sofreu uma tentativa de abordagem por piratas; o NRP *Zaire* se deslocou-se para a área do ataque, permanecendo no local a efetuar patrulhamento de forma a garantir a segurança do espaço marítimo.



Cais da Ilha do Príncipe.

No ano passado, a pedido do governo de STP, foi feito o acompanhamento marítimo ao navio de prospeção petrolífera “Maersk Voyager”, empenhado na operação de perfuração “Projeto Jaca”.

Ainda em 2022, por intermédio do elemento de formação do Pelotão de Abordagem do Corpo de Fuzileiros português, foram desenvolvidas ações de instrução teóricas e práticas com o objetivo de treinar as equipas de Segurança e Abordagem da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe no Centro de Instrução Militar. O NRP *Zaire* proporcionou ações de treino com o objetivo de desenvolver, nos militares santomenses, perícias e proficiência nas técnicas, táticas e procedimentos no âmbito das ações de abordagem, progressão em espaços confinados, busca e revista, controlo de tripulação, comunicações e regras de empenhamento.

OUTROS APOIOS

O NRP *Zaire* mantém uma relação próxima e de apoio mútuo com diversas entidades locais, laços estes fortalecidos pela duração da permanência do navio m STP. Merece destaque o apoio – e.g. facultando garrafas de oxigénio – aos Hospitais Dr. Ayres de Menezes e Dr. Manuel Quares Dias da Graça durante o período em que a pandemia de COVID-19 grassou com maior intensidade no país. Também rumou, por duas vezes, à ilha do Príncipe, levando garrafas de oxigénio vazias e trazendo garrafas cheias, por forma a garantir a continuidade de prestação de serviços médicos na ilha de S. Tomé. No total, o navio patrulha português transportou cerca de 650 litros de oxigénio da ilha do Príncipe para a ilha de São Tomé, apoiando assim a respetiva população.

Ainda quanto à população e às Forças Armadas de STP, há a assinalar, também na área da saúde:

- O apoio na coordenação e administração da vacinação contra a COVID-19;
- A participação na formação de formadores e no ministrar de cursos em Suporte Básico de Vida, permitindo que os militares envolvidos no combate ao vírus adquirissem mais conhecimentos nesta área; e
- O apoio técnico ao Centro de Saúde Militar das Forças Armadas de STP, materializado através da reparação de equipamento hospitalar do serviço de estomatologia (atividades que se enquadram na capacitação das Forças Armadas na área da Saúde Militar).

O largo espectro de atividades desenvolvidas pelo NRP *Zaire* abrange ainda o apoio à comunidade científica:

- Colaboração com a Universidade do Algarve na recolha de amostras, de forma a dar continuidade ao projeto *LittleFishSTP*, e no lançamento de uma garrafa de plástico equipada com GPS em mar aberto, no sentido de estudar os movimentos do plástico no Golfo da Guiné; e
- Assistência na instalação de boias oceanográficas, no âmbito do projeto conjunto firmado entre o Instituto Hidrográfico de Portugal e o Instituto Nacional de Meteorologia de STP.

Com cariz social, há a mencionar o apoio a diversas Organizações Não Governamentais, concretizado através da entrega de material diverso⁴, nomeadamente material escolar, brinquedos e roupa, a instituições e escolas de STP, material este transportado pelos navios que todos os anos efetuam as missões da *Iniciativa Mar Aberto*.

CONCLUSÃO

Ao longo da sua missão, o navio tem desempenhado um papel fulcral nas ações de busca e salvamento marítimo e de apoio a embarcações nas águas sob jurisdição de STP. Embora já tenham sido mencionadas em artigos anteriores, há a realçar



o acompanhamento efetuado ao rebocador *Monte da Luz* nas imediações da Costa do Marfim em 2018, o socorro⁵ ao navio *Anfritriti* que naufragou nas proximidades do ilhéu da Tinhosa Pequena, em 2019, e o auxílio, nesse mesmo ano, no combate a um incêndio, dado como incontrollável, no navio *Ville Abidjan* que se encontrava atracado no porto de São Tomé. Em 2020 prestou apoio técnico e rebocou o navio rebocador de bandeira santomense “Bonsai”, em 2021 rebocou o navio MV *Andrea* para a Baía de Ana Chaves e em 2022 fez o mesmo com o navio rebocador *Grecale Secondo*.

O NRP *Zaire* prossegue a sua missão, sendo um bom exemplo em matéria de cooperação bilateral entre estes dois países lusófonos; este esforço conjunto em prol da segurança marítima das águas santomenses representa um importante contributo de Portugal para a segurança marítima do Golfo da Guiné.



Colaboração do **COMANDO DO NRP ZAIRE**

Notas

¹ Já foram publicados artigos referentes a esta missão do NRP *Zaire*, nas edições nº 553 e 560 da RA).

² Os exercícios *Obangame Express* (OE) são conduzidos pelo US Naval Forces Africa (NAF), sob a égide do US Africa Command (AFRICOM). Tendo tido início há 12 anos, não têm para de “crescer” – de um mero exercício de comunicações com um reduzido número de interações de treino no mar, até se tornar no maior exercício marítimo multinacional da África Ocidental.

³ O OE23 contou com a participação de 32 países (dos integrantes da CPLP, para além de Portugal foi possível contar com Angola, o Brasil, Cabo Verde, a Guiné-Bissau e STP) e ainda duas organizações regionais – a Economic Community of West African States (ECOWAS, também conhecida como CEDEAO) e a Economic Community of Central African States (ECCAS).

⁴ Esse material é proveniente de Portugal, tendo sido transportado pelos navios de guerra que, todos os anos, efetuam as missões da *Iniciativa Mar Aberto*.

⁵ A pedido do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento de Lisboa.

CONCEITO *LIGHT AND FAST*

TREINO DE VERIFICAÇÃO E VALIDAÇÃO



No período compreendido entre 22 e 24 de fevereiro de 2023, realizou-se o primeiro treino de verificação e validação do conceito *Light and Fast*.

NOVO CONCEITO

Trata-se de um modelo de emprego de forças ligeiras e flexíveis, defendido pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA) na Diretiva Estratégica de Marinha (DEM), que privilegia o efeito de surpresa, a superioridade da informação, o conhecimento sobre a área de operações, a coordenação e simultaneidade das ações, a mobilidade, a manobra, a velocidade e a letalidade, potenciado em novas tecnologias. Este é um conceito que assenta numa lógica de operações distribuídas, privilegiando a simbiose de navio-fuzileiro para potencializar a dispersão geográfica, levando a cabo ações cirúrgicas de Ilusão, Desorientação, Ação e Retirada (IDAR), explorando as deficiências do ciclo Observação, Orientação, Ação e Decisão (OODA) de um eventual opositor.

A experimentação em curso tem levado a uma reorganização das forças de fuzileiros em forças ligeiras e flexíveis, sustentadas no conceito do Destacamento e Grupos de Combate, revisitando a história em relação à estrutura que esteve na génese da recriação dos Fuzileiros em 1961, naturalmente, agora mais orientada para integrar sistemas tecnológicos disruptivos e diferenciadores nas operações. Este é um modelo que exige um maior investimento na área da liderança a baixos escalões, mas também, uma grande capacidade inovadora.

Assim sendo, converteu-se a Força de Fuzileiros Nº 1 (FFZ1), comandada pelo 1TEN FZ Silva Caseira, no Destacamento de Fuzileiros Nº 1 (DFZ1) com um total de 97 militares orgânicos, organizados em três Grupos de Combate (GC) - o Alfa, o Bravo e o Charlie - cada um deles com 32 militares. Cada GC é constituído por dois Elementos de Combate (EC) de 14 militares, 10 militares de manobra e quatro operadores de sistemas de armas combinadas, integrando, ainda, uma equipa de apoio de combate.

Numa lógica inerente de levar a guerrilha do mar para terra, usando como metáfora a atuação em *enxame*, primeiro, isoladamente, depois concentrando o ataque num objetivo, voltando de seguida a dispersar.

CENÁRIO

Foi nessa lógica que este treino decorreu, projetando os três GC numa dispersão geográfica ao longo da costa portuguesa, numa extensão de linha de costa de 225 quilómetros, entre Troia e Portimão. Cada GC atuou de forma sequencial no tempo, sendo que um deles foi empregue isoladamente e os outros dois foram projetados, um a sul e outro a norte, convergindo num ponto, voltando de seguida a dispersarem.

A parte do país a sul de Setúbal, enquanto cenário do treino, simulou ser um país da costa ocidental africana, designado por ALPORTUGA, composto por duas regiões:

- TROIOPOLIS, que abrange toda a faixa da linha de costa, constituindo-se como uma região turística, com portos de mar, integrando as diversas embaixadas em TROIA, sendo a sua população, essencialmente da religião cristã; e
- ALCACEROPOLIS, que abrange todo o interior e com uma população praticante da religião VUDU.

De ALCACEROPOLIS surge um grupo extremista, designado por *Tears of Vudu*, que veio a espalhar o pânico na região de TROIOPOLIS, nomeadamente em TROIA, junto das embaixadas, com especial destaque para a embaixada portuguesa. Este grupo dispunha de uma base logística a cerca de 23 quilómetros a sul de Troia, para sustentar toda a sua ação e garantir a regeneração dos seus operacionais.





Havendo um pacto de defesa entre Portugal e ALPORTUGA, foi considerado adequado antecipar a evacuação do embaixador português. Contudo, dada a forma como os *Tears of Vudu* tinham TROIA controlada, e sem ser possível qualquer negociação com esse grupo, não havia forma de retirar, pacificamente, o embaixador.

TREINO

Face a um cenário tão desafiante para um conceito de emprego disruptivo e inovador, foram utilizados dois navios - os NRP *Corte Real* e NRP *Setúbal* - para a projeção de dois GC, constituindo o NRP *Corte Real* o navio chefe. O terceiro GC não foi projetado de navio, fazendo apenas a ação terra por questões logísticas

No dia 23 de fevereiro de 2023, por volta das 07:00 horas, o GC "A" realizou um *raid* anfíbio (sem projeção) de modo a neutralizar o depósito logístico em Pinheiro da Cruz, atraindo o grupo *Tears of Vudu*, disperso pela região, para reforço deste local.

Nesse mesmo dia é projetado, a partir do NRP *Setúbal*, o GC "B" no Sul de TROIPOLIS (Portimão). As ações disruptivas que leva a cabo no sul, iludem e desorientam o ciclo de OODA do grupo *Tears of Vudu*; para além disso, fazem, durante a noite de 23 para 24 de fevereiro, um movimento tático motorizado com *Lightweight Tactical All Terrain Vehicle* (LTATV) ou "tratocares" até TROIA, reforçando a segurança à embaixada portuguesa (materializada pelo edifício da Desmagnetização) a partir das 04:30 horas de dia 24.

Em seguida, o GC "C" é projetado para o porto de mar de TROIA (materializado pelo PAN Troia), inicialmente com uma equipa de reconhecimento e segurança através de uma semirrígida do NRP *Corte Real*, seguida da projeção dos "tratocares" por carga suspensa do Lynx. Já em terra, o GC "C" realiza um movimento

tático até à embaixada, retirando o embaixador português em ALPORTUGA com toda a discrição, destacando-se:

- O efeito surpresa;
- A mobilidade; e
- O apoio dos Sistemas Aéreos Não Tripulados (SANT).

CONCLUSÕES

Os SANT constituem um dos elementos diferenciadores, a par do sistema de Comando, Controle e Comunicações (C3), que permitiu ter:

- Ter um panorama situacional sempre atualizado e em partilha entre todos os intervenientes; e
- Dispor da visualização de todas as ações por *streaming* vídeo no Centro de Operações a bordo da fragata e no Centro de Experimentação Operacional da Marinha (CEOM); e
- Descurar a comunicação tática, usando palavras de código para encurtar o período da comunicação.

Esta fase final do treino foi observada pelo Almirante CEMA, acompanhado pelo VALM Comandante Naval, tendo sido dado o primeiro passo para potencializar o conceito *light and fast*, preservando a simbiose Navio-Fuzileiros.

Este é um conceito inovador, assente em sistemas tecnológicos diferenciadores no campo de batalha, contribuindo significativamente para um Marinha útil, aproximando os Fuzileiros a uma semântica que esteve na génese da recriação dos fuzileiros. Esta reorganização é uma oportunidade para uma maior aproximação às operações modernas.



Colaboração do CCF

INFORMAÇÃO E SEGURANÇA

3



A NECESSIDADE DE INFORMAÇÕES O GARANTE DA SUSTENTABILIDADE E SEGURANÇA DE UM ESTADO SOBERANO - PARTE II



PÓS-REVOLUÇÃO DE ABRIL - DINFO I

O novo paradigma sociopolítico nacional que se instalou em Portugal depois da Revolução dos Cravos, concomitantemente com todas as mutações que estavam em curso no mundo desde meados da década de 1960, fizeram emergir um conjunto de ameaças que os portugueses não tinham presenciado até então.

A ameaça que começou a grassar por Portugal, e que teve o seu pico entre fevereiro de 1975 e abril de 1977, era preconizada por movimentos de extrema-direita, apoiados e impulsionados por membros do antigo regime, e, alegadamente, também por serviços de informações de alguns países aliados. O rebentamento de bombas por todo o país começava a instalar o caos e o pânico junto da população. Era imperioso erradicar esta ameaça, pelo que a solução passava por dotar a 2.^a Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) com a capacidade de atuar como um Serviço de Informações em apoio aos órgãos de investigação criminal.

O primeiro passo foi promulgar o decreto-lei n.º 400/74, de 29 de agosto, que determinava as competências do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), colocando-o na dependência única do Presidente da República e com a capacidade de orientar e coordenar as atividades de informações nas Forças Armadas. Desta forma eram integrados no estado-maior do CEMGFA vários organismos, incluindo as informações do antigo Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

Sob a liderança do então BGEN Pedro Cardoso, a 2.^a Divisão do EMGFA instalou-se no Palácio da Ajuda com o nome de DINFO. Mas esta nova estrutura de informações militares não teve qualquer atuação operacional, pois passados alguns meses após a sua criação, acabou por ser extinta pelo Conselho de Revolução, depois dos acontecimentos do 11 de março de 1975.

DINFO II

Na direta dependência do Conselho de Revolução foi, então, criado o Serviço Diretor e Coordenador das Informações (SDCI), alegadamente desenhado, em termos de estrutura e *modus operandi*, à imagem dos serviços secretos russos do KGB. A grande ameaça identificada pelo SDCI eram os movimentos e organizações políticas de extrema-direita que, segundo a estrutura dirigente do serviço, queriam implantar novamente um regime ditatorial equivalente ao que governou Portugal durante décadas.

Mas o SDCI acabou por sobreviver apenas oito meses, tendo sido desmantelado depois dos eventos de 25 de novembro de 1975. A decisão foi, então, reerguer e reestruturar a DINFO, começando todo este processo no dia 26 de novembro de 1975.

À data, a situação de Portugal pautava-se por um completo vazio quer quanto a informações na esfera não-militar, quer no que respeita a órgãos de soberania constitucionais. Esse facto alavancou a decisão de criar um conceito orientador de reestruturação da DINFO visando responder às necessidades de informações dos mais altos escalões militares e políticos. A 7 de junho de 1976, a Comissão Militar do Conselho de Revolução aprovava o princípio de funcionamento e as atribuições da 2.^a Divisão do EMGFA seguindo esse desiderato.

A partir daí, a DINFO interveio de forma bastante ativa em ações de pesquisa e vigilância na área do contraterrorismo e contraespionagem. Por norma, os países de parcos recursos humanos e que não estivessem envolvidos em conflitos militares, deviam possuir serviços de informações essencialmente focados na pesquisa, deixando a interpretação e disseminação a outros órgãos mais vocacionados para o estudo dessas matérias.

E foi essa a visão inicial da DINFO, dadas as restrições de pessoal qualificado para desempenhar funções nas informações. Às notícias “apanhadas” nos órgãos de comunicação social (OCS) juntava as informações que eram recebidas de serviços de informações amigos e aliados; com isso, difundia um “jornal” que apenas diferia dum vulgar OCS por conter alguma informação alegadamente classificada.

A DINFO havia enviado alguns dos seus agentes para serem treinados por serviços de informações de alto gabarito mundial, como os israelitas, britânicos e norte-americanos. Tal facto acabou por proporcionar a obtenção de notícias e informações secretas, que muito contribuíram para o combate ao terrorismo de extrema-direita e extrema-esquerda e espionagem que reinou em Portugal entre a década de 1970 e 1990 do século passado. As informações que facultavam detalhes sobre as motivações, intenções e estrutura dos alvos, não vinham publicados em nenhum jornal ou revista da especialidade.

 Cavaleiro Ângelo
CMG

Nota

¹ Acrónimo de Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti.

UM NOVO DESÍGNIO TECNOLÓGICO FRAGATAS CLASSE VASCO DA GAMA



As fragatas da classe *Vasco da Gama* (FFGH VGAM) foram aumentadas ao efetivo em 1991, o que significa que já possuem 30 anos de idade, podendo a sua vida útil ser ainda estendida até 2035. A necessidade de assegurar a sustentação destes meios, durante o período remanescente do seu ciclo de vida, compele à minimização da sua obsolescência logística, técnica e operacional pela via da sua modernização.

CONTEXTO

Estes navios constituem meios indispensáveis para atuar nos espaços marítimos sob soberania, jurisdição ou responsabilidade nacional, no cumprimento dos compromissos internacionais assumidos pelo Estado Português no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e da União Europeia, bem como no contexto da Organização das Nações Unidas, em missões de segurança marítima e em operações de paz, incluindo, ainda, a prevenção e combate a atividades ilegais, como o narcotráfico, a imigração ilegal, o tráfico de pessoas ou armas e outros ilícitos.

O Programa de Modernização de Meia-Vida (MLU¹) das fragatas da Marinha Portuguesa (MP), na vertente das FFGH VGAM, foi iniciado em 2009 com os primeiros projetos de modernização do sistema de defesa antimíssil *Phalanx* e do subsistema de conversores de frequência 60/400Hz, tendo sido suspenso por força da crise financeira que o País atravessou no período 2011-2014².

Sendo esta uma prioridade para o interesse nacional, é parte integrante do projeto “Modernização de Meia Vida das Fragatas” da Capacidade “Oceânica de Superfície” da Lei de Programação Militar (LPM), que inclui, nas suas dotações, as verbas necessárias para proceder à retoma do investimento em navios destinados às missões da MP.

Assumindo contornos de um programa abrangente, esta modernização contempla um conjunto de projetos com elevado grau de integração e de transversalidade técnica, sem os quais os navios ficariam limitados a um conjunto de capacidades operacionais residuais, não sendo sustentáveis até ao final da sua vida expectável.

O MLU compreende, assim, a incorporação dos requisitos operacionais resultantes da evolução do ambiente estratégico, incluindo uma infraestrutura de comunicações moderna e eficaz, adaptável à incorporação de novas capacidades ao longo do seu ciclo de vida que, em articulação com uma arquitetura de sistemas SEWACO³, se constitui como um instrumento para assegurar o adequado desempenho operacional.

Neste contexto, ao longo deste artigo vamos procurar apresentar a abordagem adotada para a modernização das FFGH VGAM, incluindo o contributo para a sua capacitação e evolução tecnológica, mormente no que toca a sensores e comando e controlo, enquadrado por um rigoroso calendário definido para a execução do programa e um plano financeiro que importa cumprir a todo o custo.

INDÚSTRIA NACIONAL

O conceito tecnológico de referência deste programa prevê que cerca de 35% do seu investimento seja destinado a empresas da Base Tecnológica e Industrial de Defesa (BTID), não só da área

da construção e/ou reparação naval, mas também de outras, designadamente, da área das comunicações, integração e comando e controlo.

A participação da indústria nacional é uma das premissas basilares da estruturação do programa, e assenta nos seguintes objetivos:

- 1 – Maximização da retenção económica no tecido empresarial nacional;
- 2 – Potenciação da elevação tecnológica das empresas nacionais, numa perspetiva de futuro;
- 3 – Contribuição para a agregação de valor ao produto desenvolvido pelo tecido empresarial nacional; e
- 4 – Promoção de um crescimento sustentável da capacidade efetiva produtiva do tecido empresarial nacional.



ARSENAL DO ALFEITE

No âmbito do programa, será acometida ao estaleiro Arsenal do Alfeite, SA (a AASA) a responsabilidade pela execução da Manutenção aos sistemas do navio que prevalecerão na configuração final, bem como os serviços de apoio à modernização, modelo que permitirá ao estaleiro captar um volume de negócios direto que representará uma parte muito significativa do volume financeiro e de workshare do programa associado à modernização de duas fragatas. Esta participação representará a coluna dorsal de uma carteira sólida de projetos planeados, com risco moderado a elevado (mas controlado e mitigável), e com elevado retorno e valor acrescentado para a empresa.

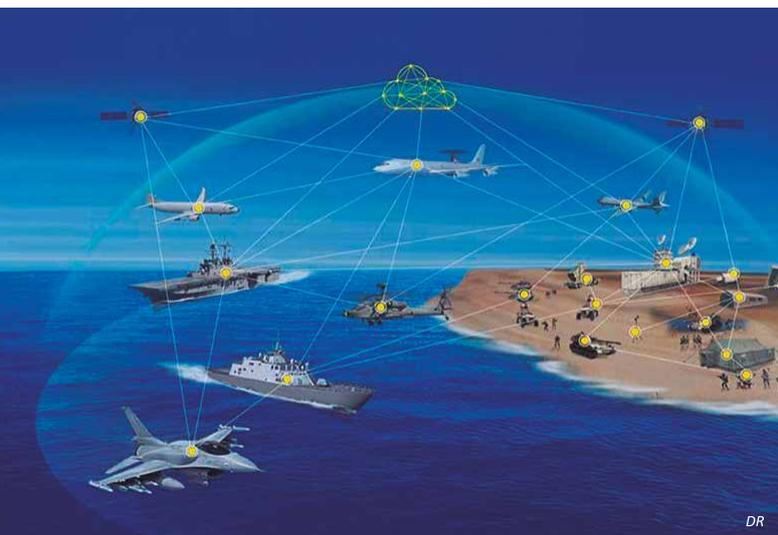
A AASA apresenta-se, assim, como uma das partes interessadas para o sucesso do MLU, visto que este será o maior programa efetuado desde a criação⁴ da sociedade em 2009, mas releva a imperatividade da execução do investimento previsto (em processo de aprovação) e compeli-la, a jusante, à sua imprescindível transformação, ao nível do seu modelo operacional, dos seus processos produtivos, logísticos e de apoio, e à adequação das suas infraestruturas, de modo a garantir a sua preparação e capacitação para um programa de elevada complexidade e longa duração. Acresce a este desafio que a AASA terá de assegurar, em paralelo com o programa, capacidade para a execução das ações de manutenção na restante esquadra da MP.

Saliente-se ainda a forte participação da Empresa de Investigação e Desenvolvimento (EID), através de um contrato já vigente para o fornecimento do Sistema Integrado de Controlo de Comunicações, ICCS6, o qual inclui, também, um contrato de sustentação dos sistemas.

A participação da indústria nacional é, pois, um dos objetivos estratégicos do programa, sendo para isso mandatário que o



A COHORT PLC COMPANY



MLU das fragatas seja executado em Portugal e, ainda, que o tecido empresarial nacional capte uma parte significativa do investimento que este programa representa.

COMUNALIDADE

Este MLU prevê compreender uma arquitetura de sistemas SEWACO que garanta a maximização da comunalidade entre as diferentes classes de navios, designadamente a futura 3.ª série dos Navios de Patrulha Oceânicos (NPO3S), incluindo ainda outros programas de reequipamento da MP, constituindo-se como um instrumento para assegurar o adequado desempenho operacional, nomeadamente na manutenção e flexibilização da operação, formação e treino, e sustentação logística ao longo do respetivo ciclo de vida, ancorada em sistemas com elevado índice tecnológico.

Por outro lado, importa reforçar que o desenvolvimento de todo o processo beneficiará do conhecimento, experiência e demais aspetos que são detidos pela equipa da MP que lidera a gestão do programa das fragatas que, fazendo uso de lições aprendidas e uma forte capacidade de gestão, contribuirá para potenciar a redução de custos de aquisição e assegurar a respetiva implementação da capacidade Apoio Logístico Integrado (ALI) transversal aos vários sistemas.

CONCEITO TECNOLÓGICO

Para preparar o reajustamento do Conceito Tecnológico⁵, foi desenvolvida uma Avaliação de Mercado em 2022 (designada por *Market Research Assessment*) que, tendo como base os documentos estruturantes genéticos do programa e o Conceito Tecnológico ainda vigente, lançou o seguinte repto, de forma aberta e transversal, à indústria de defesa no mercado internacional:

- Apresentação de Conceitos de Modernização, nas vertentes Técnica e Comercial, por forma a permitir obter soluções integradas que maximizassem a satisfação do Conceito Operacional vigente.

Como resultado desta iniciativa, o programa contempla a modernização de uma grande parte dos principais sistemas das fragatas da classe *Vasco da Gama*, dos quais se destacam os:

- Sistema de gestão de combate;
- Sistema de gestão da plataforma;

- Sistema integrado de comunicações; e
- Sistema eletro-ótico de vigilância.

A Modernização do SEWACO será o elemento principal de capacitação dos navios e incluirá:

- O fornecimento dos sistemas;
- A sua instalação e integração;
- A documentação, a formação e treino;
- Demais aspetos do ALI; e
- O estabelecimento de condições de sustentação dos sistemas.

MODELO DE GESTÃO INOVADOR

O grau de complexidade, o nível de recursos financeiros envolvidos, a sua importância para a Marinha e para o País enquanto programa de capacitação dos meios navais nacionais, e a necessidade de assegurar uma gestão eficiente e eficaz que permita assegurar a sua prossecução e conclusão num nível de risco global aceitável, materializando o programa em tempo, conforme especificado e previsto, dentro do orçamento definido, e que permita entregar valor à MP, recomendaram a adoção de um modelo inovador para a gestão do programa de modernização das FFGH VGAM. Este modelo, designado por **Turnkey** (“solução chave na mão”), é liderado pela MP e gerido de forma integrada por um *Prime Contractor*.

O modelo *Turnkey* apresenta como vantagens uma transferência substancial do risco para o *Prime Contractor*, permitindo que este encontre as melhores soluções de integração técnica e funcional, contribuindo, assim, para uma potencial redução de custos associados ao risco interno de integração e compatibilização de sistemas e equipamentos.

No modelo *Turnkey*, acometerá ao *Prime Contractor* a responsabilidade sobre o fornecimento e satisfação da maioria das componentes dos sistemas SEWACO, incluindo Modificações, Engenharia, Sobressalentes, ALI e, ainda, a integração nos sistemas SEWACO do Material de Fornecimento do Estado (MFE).

Para se atingir este objetivo, vai ser criada uma equipa de gestão multidisciplinar, designada por *Integrated Project Team* (IPT), composta por elementos da MP, da AASA, da *NATO Support and Procurement Agency* (NSPA) e do *Prime Contractor*.



Esta equipa deverá assegurar uma gestão integrada do programa, designadamente nas vertentes técnica, financeira, logística, temporal, contratual e de risco. Releva-se que não é possível edificar, estruturar e executar o programa sem esta equipa, nem esta é passível de ser externalizada, face à especificidade do conhecimento necessário.

A componente nacional desta IPT está integrada no Grupo de Projeto *Mid Life Upgrade* FFGH da Marinha Portuguesa (designado GP-MLU), o qual executou o programa da MLU das fragatas da classe *Bartolomeu Dias*, que terminou em setembro de 2022.

A NSPA será responsável pelo desenvolvimento dos processos de aquisição e de gestão contratual do programa, através da celebração de instrumento contratual próprio com a MP.

Considerando a estratégia de gestão integrada de aquisições para os vários projetos no âmbito dos novos meios, e de forma a contribuir para a comunalidade de soluções técnicas para os vários equipamentos, esta equipa deverá igualmente colaborar com os restantes programas⁶, designadamente nas especificações técnicas e nos testes de receção dos sistemas e equipamentos na área do SEWACO.

CALENDARIZAÇÃO E PLANO FINANCEIRO

Neste contexto, no âmbito do MLU das FFGH VGAM serão modernizados de forma abrangente (**upgrade**) dois navios, e será atualizado (**update**) o terceiro navio da classe. A modernização



das duas fragatas contempla um financiamento global de 120 milhões de euros.

No que refere à variável temporal, os intervalos para execução (de produção) da modernização dos navios são os seguintes:

- Navio #1, julho de 2026; e
- Navio #2, julho de 2027.

NOVA GERAÇÃO DE FRAGATAS

Embora o MLU das FFGH VGAM venha suprir as necessidades imediatas da MP, mantém-se a necessidade de se edificar a regeneração da Capacidade Oceânica de Superfície, através de uma Nova Geração de Fragatas, procurando que este investimento seja assimilado pela sociedade portuguesa num quadro de grandes constrangimentos financeiros. Este desafio torna-se, ainda, mais relevante, porquanto as soluções tecnológicas de baixo custo poderem vir a desvirtuar a autonomia estratégica para a qual contribuem meios como as fragatas, submarinos e navios-reabastecedores que constituem a base operacional da esquadra de qualquer nação marítima e o meio fundamental para assegurar o controlo do mar. A perspetiva de que o atual modelo oceânico e de superfície possa vir a ser desvalorizado causará danos irreparáveis numa estrutura de conhecimento e valor agregado que foi sendo consolidada ao longo das últimas décadas e que dificilmente seria recuperada, caso não viesse a ser devidamente considerada.

Tal como no passado, planear uma Marinha é um desafio de longo prazo e o investimento em meios navais, ainda que de elevado custo e de grande complexidade, deverá ser ponderado em função do ambiente estratégico dominado pela incerteza do presente e pela imprevisibilidade do futuro que se avizinha.

CONCLUSÃO

Considerando que o MLU das fragatas da classe *Vasco da Gama* é uma prioridade para o interesse nacional, assim afirmada em sede do processo legislativo de aprovação da Lei Orgânica n.º 2/2019, de 17 de junho, que procedeu à revisão da LPM, importa garantir a modernização destes meios, assegurando a sua capacitação para missões previstas no seu Conceito de Emprego para os cenários operacionais atuais, erradicando a obsolescência dos mesmos de modo a garantir uma extensão de vida útil até, pelo menos, 2035.

Na modernização abrangente (*upgrade*) de dois navios, o enfoque será na erradicação da obsolescência logística, técnica e operacional, de forma a poder empregá-los em cenários de elevada intensidade e exigência operacional, cumprindo todas as finalidades previstas no Sistema de Forças e garantindo a interoperabilidade no quadro dos padrões da NATO.

Prevê-se, igualmente, contribuir para o aumento da capacitação e potencial económico do tecido empresarial (e industrial) nacional, com enfoque na AASA. Este programa viabilizará, não apenas a captação de receita e retenção de valor na empresa, mas também, a reorganização e capacitação do estaleiro, conferindo-lhe condições para viabilizar o investimento em capacidades de sustentação dos sistemas com vista a assegurar a sustentação da esquadra da Marinha nos 25 a 30 anos subsequentes. É, ainda, expectável que outras empresas nacionais venham a ser envolvidas no programa, dependendo dos cenários que venham a ser criados, ao nível do fornecimento de materiais, componentes e equipamentos, e prestação de serviços especializados à AASA e a outras partes interessadas, constituindo uma cascata cumulativa de geração de valor ao produto económico nacional e potencial capacitação sustentável do tecido empresarial nacional.

A LPM assegura, previsivelmente ao contexto da sua aprovação, na Capacidade Oceânica de Superfície, a programação financeira necessária para a concretização da Modernização das Fragatas da classe *Vasco da Gama*, entre 2023 e 2030.

Considerando que a estratégia de negociação deste programa deverá estar alinhada com a dos restantes, no contexto da renovação da esquadra prevista na LPM, está assegurada a coordenação da relação com as diferentes entidades envolvidas,

nacionais e internacionais. Para esse efeito, a adoção de um modelo de gestão inovador a nível nacional denominado por **Turnkey** e a edificação de uma equipa de gestão integrada visam potenciar ganhos de eficácia e eficiência, através da multidisciplinaridade, agilização da comunicação e processos, por forma a alcançar níveis superiores de gestão e conhecimento.

Num contexto em que a sustentação e operação da MP está intimamente ligada à capacidade nacional em manter, reparar e aprontar os meios, as consequências de uma eventual falta de capacidade para este efeito teria um impacto muito negativo e de difícil superação, constituindo, assim, a dinamização do tecido empresarial nacional da Defesa um desígnio estratégico.



Colaboração da **DIREÇÃO DE NAVIOS E GP MLU**

Notas

¹ Acrónimo anglo-saxónico para *Mid-life Upgrade*.

² Posteriormente, em 2016, foi celebrado um contrato de modernização do sistema NAUTOS, tendo a fragata *Vasco da Gama* sido o primeiro navio a receber o novo *Integrated Platform Management System* (IPMS). Este sistema foi também instalado na fragata *Álvares Cabral*.

³ Acrónimo anglo-saxónico para *Sensor, Weapon Control and Command*.

⁴ O AASA, enquanto sociedade anónima com capitais exclusivamente públicos, sucedeu ao principal arsenal da MP, a Arsenal do Alfeite.

⁵ O Conceito Tecnológico de referência foi aprovado em 2014, por despacho do Almirante CEMA, o qual constitui o referencial a partir do qual o plano de gestão do programa é edificado.

⁶ Uma parte dos sistemas SEWACO a serem instalados nos seis novos navios de patrulha oceânicos (NPO3S) serão comuns ao MLU das fragatas da classe *Vasco da Gama*.

ROBOTIZAÇÃO DA GUERRA

IDEIA 2023

SAVE THE DATE

MAIO 11 MAIO 12

www.marinha.pt/pt/ideia2023

ORGANIZAÇÃO:

GUERRA NO PACÍFICO

A BATALHA DO MAR DE BISMARCK

Nas batalhas terrestres na Papua Nova Guiné - Milne Bay (25 de agosto a 7 de setembro de 1942) e Buna-Gona (16 de novembro de 1942 - 22 de janeiro de 1943) - as forças norte-americanas e australianas do GEN MacArthur tinham impedido o Exército Imperial Japonês (EIJ) de consolidar posições naquela ilha, levando-o a retirar algumas unidades para a Ilha de Nova Bretanha, cuja capital, Rabaul, continuava a constituir uma poderosa fortaleza.

PLANO DE REFORÇO JAPONÊS

Com a expulsão dos Japoneses de Guadalcanal e da Papua no início de 1943, os Aliados completaram a primeira fase da campanha contra Rabaul. Durante a pausa operacional que precedeu a fase dois - o avanço coordenado via Ilhas Salomão e Nova Guiné - ambos os beligerantes se prepararam, fortalecendo as suas posições, procurando enfraquecer, tanto quanto possível, o opositor.

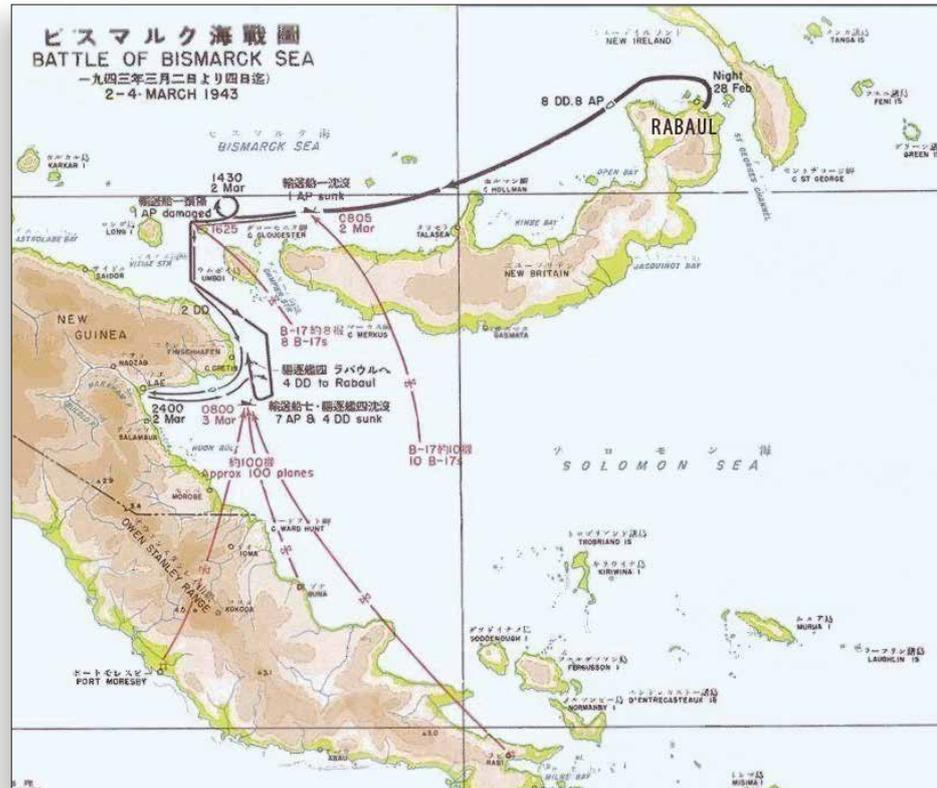
Reconhecendo a ameaça de uma contraofensiva inimiga com o objetivo de isolar Rabaul, o alto comando Japonês decidiu reforçar as suas posições na Nova Guiné e em Bougainville, no extremo norte das ilhas Salomão, com forças terrestres estacionadas na China, nomeadamente a 51ª Divisão do EIJ. Para cumprir esse objetivo, os japoneses reuniram, no final de fevereiro, 8 navios de transporte, sob o comando do CMG Matsumoto Kametano, com uma escolta de 8 contratorpedeiros, sob o comando do CALM Kimura Masatoni (1891-1960), alguns submarinos e, aproximadamente, 100 aeronaves para proteção aérea.

Esta força, com cerca de 7.000 homens, partiu de Simpson Harbour, Rabaul, a 28 de fevereiro, navegando para oeste através do Mar de Bismarck e ao longo da costa norte da Nova Bretanha. O plano era navegar através do estreito de Vitiaz até ao Mar de Salomão e, daí, para oeste até Lae. Este plano era arriscado, uma vez que o trânsito teria que ser efetuado parcialmente durante o dia, com forte probabilidade de ataque por aeronaves aliadas baseadas em terra.

REFORÇO FRUSTADO

Porém no dia 16 de fevereiro, os analistas criptográficos da Fleet Radio Unit, em Melbourne e em Washington, conseguiram traduzir uma mensagem codificada que revelava as intenções japonesas de desembarcar tropas na costa nordeste da Nova Guiné, em Wemak, Madang e Lae. Para eliminar esta ameaça, os Aliados reuniram um conjunto de meios aéreos que incluíam três esquadras de caças e três esquadras de bombardeiros da 5ª Força Aérea dos Estados Unidos, e sete esquadras de caças e bombardeiros da Real Força Aérea Australiana (RAAF). O planeamento e execução desta operação ficaria a cargo do TGEN George C. Kenney (1889-1977), Comandante dos meios aéreos da área Sudoeste do Pacífico.

A batalha do Mar de Bismarck ocorreu entre os dias 1 e 3 de março de 1943 e envolveu um elevado número de aeronaves aliadas, que atacaram os navios inimigos de diferentes direções e altitudes em simultâneo. Depois de os aviões de busca e



reconhecimento americanos terem detetado e localizado os transportes japoneses e a sua escolta, os bombardeiros B-17 e B-24 iniciaram o ataque quando a força nipônica se encontrava na entrada norte do Estreito de Dampier, afundando o navio *Kyokusai Maru* e danificando outros navios de transporte.

Nos dias 2 e 3, aeronaves da RAAF juntaram-se aos B-17 e B-24 americanos, semeando a destruição no seio da força naval inimiga. A batalha terminou no dia 3 com o ataque noturno de lanchas torpedeiras americanas, que afundaram mais um navio de transporte. Ainda no rescaldo da batalha, no dia 5, aviões australianos e lanchas torpedeiras americanas afundaram embarcações japonesas que se dirigiam para terra com sobreviventes.

Dos 16 navios que largaram de Rabaul com destino a Lae, 8 transportes e 4 contratorpedeiros foram afundados, 25 aeronaves de proteção aérea foram abatidas e, dos 7.000 homens embarcados, cerca de 3.600 pereceram; pouco menos de 600 terão conseguido chegar a Lae. Depois de outros afundamentos de navios japoneses, o Estado Maior Imperial Japonês reconheceu a impossibilidade de enviar reforços ou qualquer outro apoio logístico através de navios, passando a fazê-lo apenas através de submarinos





PLATAFORMA **GOOGLE ARTS & CULTURE** INCORPORAÇÃO DO AQUÁRIO VASCO DA GAMA

Foi com entusiasmo que o Aquário Vasco da Gama participou na iniciativa da **GOOGLE ARTS & CULTURE**, que trabalha com instituições culturais e artistas de todo o mundo. A missão deste projeto é promover e trazer a arte e a cultura para o mundo *online*, para que estejam acessíveis a qualquer pessoa, em qualquer lugar.

125 ANOS DE ENCANTO E TRANSFORMAÇÃO

O Aquário Vasco da Gama (AVG), inaugurado aquando das Comemorações do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para Índia, em 1898, completa este ano 125 anos de portas abertas ao público. Parte do encanto do Aquário reside, precisamente, na sua capacidade de atravessar diferentes períodos da história da ciência, transformando a sua forma de comunicar.

Para o AVG, criar exposições *online* na **GOOGLE ARTS & CULTURE** significa continuar este esforço de procurar chegar até às pessoas de uma forma simples, envolvente e cativante.

Como primeiro aquário público, o AVG foi visita obrigatória de todas as escolas do país e tornou-se uma tradição familiar de passeio ao fim-de-semana, que passava de geração em geração. Foram, entretanto, surgindo outras ofertas culturais por todo o país e, de certa maneira, foi-se perdendo o fio atrativo para as escolas e as visitas de família.

Com este projeto pretende-se chegar a novos públicos e dar a descobrir o Aquário às gerações mais novas, tanto nacionais como estrangeiras, e aos especialistas nesta área de conhecimento, revelando o valor e riqueza dos nossos acervos históricos.

DO PROJETO INICIAL ...

Quanto ao projeto **GOOGLE ARTS & CULTURE**, o mais difícil foi a escolha dos temas a desenvolver, uma vez que o AVG tem uma grande diversidade de coleções, tanto vivas como museológicas, acumuladas ao longo dos seus 125 anos.

Seguiu-se outro desafio: criar uma estrutura narrativa cativante para cada tema escolhido, i. e., contando histórias durante a visita “guiada”. As histórias (ver caixa), com conteúdos não explorados noutros suportes (*website* e redes sociais), foram criadas de forma a suscitar a curiosidade sobre o Aquário, o seu percurso de 125 anos e as suas exposições, partilhando detalhes curiosos do AVG e despertando a vontade de fazer uma visita presencial.



... AO PRODUTO FINAL

As coleções do AVG permitem conhecer outros tempos e outros lugares; as histórias, apelativas e acessíveis, contadas aos jovens são mais importantes do que se possa imaginar, pois dão muitas vezes sentido ao mundo em que vivemos.

Houve um claro ganho técnico por parte das pessoas que se viram envolvidas na produção dos conteúdos **GOOGLE ARTS & CULTURE** em áreas tão diversas como a criação e gestão de metadados, o tratamento de imagem e a edição de conteúdos escritos acessíveis. Mas o mais gratificante foram as descobertas que a equipa acabou por fazer em resultado da exploração dos seus acervos.

O objetivo de qualquer organismo cultural é promover a acessibilidade das suas coleções a um número crescente de pessoas e conquistar públicos diversificados. O AVG tem chegado, com sucesso ao público mais ligado às ciências aquáticas ou com interesse pelo mundo natural, o qual tem muito para nos ensinar – a resiliência, a diversidade e a cooperação. E há, sobretudo, que saber envolver todas as gerações na conservação das espécies e *habitats* naturais do nosso país.



Colaboração do **AVG**

<https://artsandculture.google.com/partner/aquario-vasco-da-gama?hl=pt-PT>

FORMAÇÃO DE AGENTES AGÊNCIA FRONTEX



Na sequência de um concurso lançado pela *European Border and Coast Guard Agency* (Agência FRONTEX) para a implementação de um programa de formação – *Basic Training Programme for the European Standing Corps Category 1* – dos agentes que irão integrar o seu corpo permanente de pessoal, a Autoridade Marítima Nacional (AMN) e a Marinha formalizaram uma candidatura nacional (2022 e corrente ano) que foi aceite.

A AGÊNCIA FRONTEX – ORIGEM E MISSÃO



Durante a década de 80 do século passado, cinco¹ Estados-Membros da então Comunidade Económica Europeia (CEE²), decidiram criar um espaço comum de livre circulação – um território sem fronteiras internas. Em 1985 foi assinado o primeiro acordo, numa pequena cidade do Luxemburgo – Schengen. Este compromisso inicial foi complementado, em 1990, por uma Convenção na qual se implementou o Acordo de Schengen.

Com a entrada em vigor, em 1995, do “Espaço Schengen” – território no qual se verifica a livre circulação de pessoas – foram abolidos os controlos nas fronteiras internas e criada uma fronteira externa única. Gradualmente, o controlo de fronteiras e as regras que regulam os vistos e o direito de asilo, tornaram-se comuns a todos os países aderentes ao Espaço Schengen.

Alguns anos mais tarde, o Conselho Europeu decidiu ir mais longe, na coordenação e métodos de trabalho comuns no domínio do controlo de fronteiras, e criou, em 2004, a Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados Membros da União Europeia³, que deu lugar, em 2016, à Agência Frontex⁴ – Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira.

A Agência Frontex tem por missão apoiar os Estados-Membros da União Europeia (UE) e os países associados do Espaço Schengen na gestão das fronteiras externas da União e na luta contra a criminalidade transfronteiriça. É uma instituição dedicada às atividades de controlo nas fronteiras externas e à partilha de informações e de conhecimento, naquele âmbito, com todos os Estados-Membros, e também com países vizinhos não pertencentes à UE.

O CORPO PERMANENTE DE AGENTES

Criação

Com a FRONTEX, pela primeira vez na sua história, a UE tem um corpo de agentes uniformizado, pronto para enfrentar os desafios que se colocam nas fronteiras e essencial para garantir o regular funcionamento do Espaço Schengen, no sentido de o tornar mais forte e resiliente.

Os agentes da Frontex trabalham sob as orientações das autoridades nacionais do país no qual se encontram a desempenhar funções. Atualmente apoiam operações de controlo das fronteiras marítimas em Itália, Grécia, Espanha e Bulgária. Estão ainda presentes nos pontos de passagem de fronteira terrestres e em aeroportos, desempenhando inclusive funções em países fora da UE, ao abrigo de acordos assinados com a Comissão Europeia, como sucede com a Albânia, Montenegro e a Sérvia.

Principais tarefas

De uma forma permanente, o corpo de agentes contribui para reforçar o controlo de fronteiras e a gestão de migrantes, em tarefas como a triagem de nacionalidade, o registo de pessoas e a recolha de impressões digitais. Colaboram, ainda, no rastreamento de drogas, de armas e de outras atividades ilegais que possam surgir nas fronteiras. Outros agentes apoiam, também, as ações necessárias ao regresso de pessoas que entram de forma ilegal na Europa.

Categorias

O corpo permanente de agentes da FRONTEX é composto por quatro categorias distintas, que incluem elementos enviados pelos Estados-Membros para a Agência, em missões de curta ou de longa duração, bem como uma reserva que pode ser ativada em tempos de crise.

No seu conjunto, e até 2027, o corpo permanente de agentes da Agência FRONTEX será composto por um total de 10 000 pessoas, entre as quais 3 000 agentes de categoria 1 – pessoal da FRONTEX. Os outros 7.000 mil agentes serão destacados pelos Estados-Membros da UE.

Categoria 1	Agentes contratados diretamente pela FRONTEX como membros do respetivo quadro de pessoal, e destacados regularmente para missões de guarda de fronteira.
Categoria 2	Pessoal destacado pelos Estados-Membros, a longo prazo.
Categoria 3	Pessoal destacado pelos Estados-Membros, a curto prazo.
Categoria 4	Reserva de agentes dos Estados-Membros da UE que estão à disposição da FRONTEX para a gestão rápida de crises que possam ocorrer nas fronteiras.



CANDIDATURA NACIONAL

A formação ministrada aos alunos, futuros agentes que irão integrar a Categoria 1, tem por base programas de formação concebidos pela Agência, em articulação com os Estados Membros, que são implementados por instituições especializadas e por estabelecimentos de ensino, como sucede presentemente com a Escola da Autoridade Marítima (EAM).

O atual Programa de Formação Básica para o Corpo Permanente de Agentes da Categoria 1 tem por base um currículo básico comum em vigor na UE, e incorpora a vasta experiência na gestão de fronteiras dos Estados Membros e dos países associados do Espaço Schengen.

Desde 2019 que os Estados Membros são desafiados a candidatarem-se a acolher esta formação, segundo dois eixos principais.

AÇÃO 1	Acolher a implementação do Programa de Formação disponibilizando as infraestruturas e equipamentos necessários à formação e ao treino, bem como elementos nacionais específicos para ministrar atividades de educação física, de tiro e de condução defensiva e ainda o necessário apoio administrativo e logístico
AÇÃO 2	Fornecer aos alunos, alojamento e pensão completa durante todo o período de formação.

No início de 2022, foi superiormente decidido que a AMN e a Marinha iriam formalizar uma candidatura nacional a esta formação da FRONTEX, o que veio a suceder igualmente no início de 2023, tendo Portugal, em ambas as ocasiões, sido escolhido para acolher a formação dos futuros agentes.

As candidaturas são sujeitas a um comité de avaliação, que as classifica de acordo com diversos critérios – qualidade das ações propostas para realização do programa de formação, relação custo-eficiência, qualidade dos alojamentos e da alimentação, entre outros.

Após ser conhecido o resultado da candidatura, foi celebrado um acordo, na forma jurídica de um *Grant Agreement*, assinado entre o Almirante CEMA/AMN e o Diretor Executivo da Agência FRONTEX, onde se estabeleceram as condições em que a formação iria decorrer, bem como as responsabilidades de ambas as partes.

PARTICIPAÇÃO NA FORMAÇÃO

Desde o momento em que Portugal, através da Marinha e da AMN, tomou a decisão de formalizar uma candidatura com o objetivo de acolher a formação da FRONTEX, foram sendo criadas e preparadas as condições necessárias para acolher os futuros agentes, oriundos de diversas nacionalidades do Espaço Schengen, com predominância para os países do Sul da Europa – Grécia, Espanha, Roménia e Itália. O curso conta, igualmente, com a presença de diversos alunos portugueses.

Em 2022, a formação decorreu entre 31 de maio e 9 de dezembro na EAM, e foi frequentada por cerca de 166 alunos. Em 2023, as atividades letivas tiveram o seu início no passado dia 21 de fevereiro e deverão decorrer até 19 de novembro, sendo frequentadas por, aproximadamente, 50 alunos. Em ambas as formações houve um período de preparação prévia das atividades letivas, através da presença na EAM, e na Escola de Tecnologias Navais (ETNA), de um conjunto de responsáveis e de formadores da Agência FRONTEX.

As atividades decorrem, em regra, no perímetro da BNL, pois os alunos encontram-se alojados na Messe Residencial, sendo diariamente transportados para a ETNA, onde tomam todas as refeições. As aulas teóricas são ministradas no edifício do DPE/DAL⁵ da ETNA. São diariamente utilizadas as facilidades existentes na carreira de tiro e nos ginásios/pavilhões e a piscina do local da formação.



A EAM assegura o apoio permanente à formação, através de uma *FRONTEX Support Team*, dedicada e constituída por elementos oriundos da Marinha/AMN e que desempenha funções junto aos formadores estrangeiros. Esta equipa de apoio assegura:

- A disponibilização das armas e munições necessárias à prática de tiro;
- A nomeação de instrutores para as aulas de natação e de educação física;
- O apoio administrativo à atividade docente;
- A coordenação dos transportes;
- A solicitação de dísticos de acesso à BNL; e
- A distribuição/controlo de equipamentos técnicos específicos necessários nos diversos módulos do curso.

CONCLUSÃO

A realização desta formação, de carácter inovador e sem precedentes em Portugal, só foi possível devido ao forte compromisso, empenhamento e esforço adicional de diversas unidades da Marinha e da AMN, entre as quais se salientam o Comando Naval, o Corpo de Fuzileiros, a Base Naval de Lisboa, a Escola Naval, a DITIC, a Direção de Transportes, a Direção de Pessoal, a Direção Geral da Autoridade Marítima, o Comando Geral da Polícia Marítima, o Centro de Medicina Naval e o Centro de Educação Física da Armada.

Para além de uma prova inequívoca de confiança e de reconhecimento por parte das autoridades europeias da FRONTEX, esta formação constitui um desafio significativo, que está a ser alcançado com o apoio de outras entidades externas nacionais – a Polícia Judiciária e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

A complementaridade de valências e de capacidades entre a Marinha e a Autoridade Marítima Nacional tem vindo a permitir assegurar uma formação abrangente dos futuros agentes e projetar uma imagem de credibilidade das nossas instituições.



Colaboração da **ESCOLA DE AUTORIDADE MARÍTIMA E DGAM**

Notas

¹ Bélgica, França, Alemanha, Luxemburgo e Países Baixos

² Em 1993, a Comunidade Económica Europeia (CEE) passou a chamar-se União Europeia (UE).

³ Através do Regulamento (CE) 2007/2004 do Conselho, de 26 de outubro de 2004.

⁴ Regulamento (UE) 2016/1624, de 14 de setembro de 2016.

⁵ Acrónimos de Departamentos de Propulsão / Energia e de Administração / Logística.

CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA

APRESENTAÇÃO DE CUMPRIMENTOS

Os Corpos Sociais do Clube do Sargento da Armada foram recebidos, em sede de audiência, no passado dia 12 de abril, pelo Chefe de Estado-Maior da Armada, Almirante Gouveia e Melo.

A audiência foi solicitada para apresentação de cumprimentos dos Corpos Sociais recém-eleitos e empossados, sendo a comitiva composta pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral Rui Maricato, Presidente do Conselho Fiscal Carlos Évora e o Presidente da Direção José Fernandes.

O Presidente da Direção agradeceu à Marinha Portuguesa na pessoa do seu chefe máximo a receção e a cooperação ao CSA na continuação da sua atividade.

O Chefe do Estado-Maior da Armada felicitou o CSA pelo que representa para os seus associados e para a Marinha Portuguesa e realçou a vontade em continuar a apoiar dentro do possível a nossa "Família Naval" e desejou felicidades aos novos Órgãos Sociais.



Foto SAJ A Ferreira Dias



CADETES DA ESCOLA NAVAL REALIZAM EXERCÍCIO DE REMO EM BOTES NO RIO TEJO

Integrado no seu Plano Anual de Atividades – vertente de aplicação militar-naval – a Escola Naval (EN) realiza um exercício de projeção de cadetes para efetuarem a subida de um rio em Portugal Continental, com recurso a botes pneumáticos a remos e retração para a EN. No presente ano letivo, a escolha recaiu sobre o rio Tejo, entre o Alto Alentejo e a Beira Baixa, tendo nela participado 77 cadetes da EN, 2 alunos convidados da Academia Militar, 2 da Academia da Força Aérea e 2 do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI).

RIO TEJO 2023



O exercício de remo em botes num rio tem como objetivo principal proporcionar aos cadetes, futuros oficiais de Marinha, a consolidação e prática dos conhecimentos adquiridos durante as aulas de formação marinheira, de comportamento organizacional, de logística, de organização e de instrução militar. Permite-lhes, igualmente, desenvolver e treinar a capacidade de liderança, praticar a sã camaradagem, fortalecer o espírito de corpo, coragem física e moral, consolidando, deste modo, qualidades de chefia e competências de liderança relevantes para o adequado desenvolvimento da sua carreira enquanto futuros oficiais. Há ainda a considerar a promoção e fortalecimento da interação entre a Escola Naval (EN) e as populações do interior do nosso País, nomeadamente através da presença e participação em iniciativas de âmbito desportivo e cultural.

A PROVA DE REMO EM BOTES

A prova desportiva no rio Tejo realizou-se no dia 16, num percurso compreendido entre a Barragem do Fratel e o Cais de Vila Velha de Ródão, perfazendo um total de 19 km. Após o sinal de partida, cada bote, guarnecido por seis a sete cadetes, suplantou de forma sucessiva e continuada os desafios em torno de um objetivo comum, cimentando construtivamente a capacidade de liderança coletiva, o sentido de camaradagem, o espírito de corpo e a coragem física e moral de todos os participantes.

Os dois primeiros botes a concluir a prova eram guarnecidos por alunos do 4.º ano da EN, tendo o pódio sido fechado pelo bote composto pelos alunos das instituições convidadas. Na classificação geral, o 4º ano – curso “Fernão de Magalhães” – venceu a prova deste ano, estando por isso de parabéns.

APOIOS DAS ENTIDADES LOCAIS

O evento contou com os inestimáveis apoios de várias entidades de relevo da região – os dois municípios locais e órgãos locais e regionais da GNR, dos Bombeiros Voluntários e da Proteção Civil – que foram determinantes para o sucesso do exercício, colaborando em especial na garantia das capacidades relacionadas com a segurança da atividade no dia da prova de botes.

Merecem particular destaque o Município de Vila Velha de Rodão e a Câmara Municipal de Castelo de Vide. Esta última apadrinhou a iniciativa desde o primeiro momento e foi responsável por dois tipos de apoios:

- Um aliciente programa de visitas culturais para toda a comitiva associada ao evento, proporcionando assim vivências que ficarão para sempre na memória coletiva de todos os participantes, potenciando a descoberta desta região, da sua história, da sua cultura e das suas gentes. Releva-se a disponibilidade do Presidente da Câmara Municipal para guiar pessoalmente as visitas do grupo.
- A disponibilização de instalações – o Pavilhão Desportivo Municipal – para alojamento e para as refeições, possibilitando uma redução muito significativa do esforço logístico despendido na realização do exercício.

CASTELO DE VIDE – ATIVIDADES E VISITAS

A delegação da EN esteve presente em Castelo de Vide, vila onde foi montada a base logística, entre 15 e 17 de fevereiro, e onde foram realizadas diversas atividades:

- Uma prova de orientação no interior da vila, que permitiu conhecer alguns dos seus pontos icónicos;
- Um percurso de arborismo;
- Uma via ferrata, com uma vista magnífica sobre a vila no topo da Ermida da Nossa Senhora da Penha; e



- Um passeio noturno, associado a um concurso de fotografia, pelas ruas e locais simbólicos da vila.

No dia 17 os cadetes efetuaram diversas visitas culturais, coordenadas pela Câmara Municipal de Castelo de Vide, nas quais foram acompanhadas pelo seu Presidente, destacando-se:

- O Castelo Medieval;
- A Casa da Cidadania Salgueiro Maia;
- A Sinagoga;
- A Casa da Inquisição; e
- A Igreja Matriz Santa Maria da Devesa.

COMPONENTE SOCIAL

Para marcar o encerramento da atividade, a EN confeccionou e ofereceu um jantar, num recinto criado para esse efeito, junto ao Pavilhão Desportivo Municipal de Castelo de Vide, onde marcaram presença o respetivo Presidente da Câmara e elementos do seu executivo, o Comandante do Comando Territorial da GNR de Portalegre, o Comandante do Posto Territorial da GNR de Castelo de Vide, o Comandante Distrital de Operações de Socorro de Portalegre, o Comandante dos Bombeiros Voluntários e Proteção Civil de Castelo de Vide, assim como outros distintos convidados.

No decurso do jantar foram entregues os prémios às equipas e algumas lembranças, em forma de agradecimento pelos apoios prestados, e pela realização, com inquestionável sucesso, da iniciativa.

O Comandante da EN agradeceu, na ocasião, o apoio de todas as entidades e individualidades, reforçando a importância e valor destas atividades de formação militar naval.



APOIOS INSTITUCIONAIS

Importa destacar, pela sua importância vital, o apoio de todas as unidades da Marinha que contribuíram para a realização desta atividade da EN:

- O Corpo de Fuzileiros, através da Unidade de Meios de Desembarque, pela disponibilização dos botes, palamenta e motores para as embarcações de segurança e respetivo pessoal;
- A Esquadilha de Subsuperfície – Destacamento de Mergulhadores Sapadores n.º 2 – pela disponibilização da equipa de segurança;
- A Autoridade Marítima Nacional – Instituto de Socorros a Náufragos – pela disponibilização de uma mota de água e elementos de equipa de segurança;
- O Centro de Medicina Naval, pela disponibilização da equipa de saúde; e
- A Direção de Transportes, pela disponibilização de viaturas e condutores.

Em suma, as unidades das Superintendências do Material e do Pessoal, em conjunto com as do Comando Naval e da Autoridade Marítima Nacional, foram essenciais para se realizar a atividade.

CONCLUSÕES

A subida do rio Tejo representou um desafio prático de consolidação de ensinamentos militares e marinheiros ministrados na EN. Com esforço e sempre em segurança, remada após remada, a prova contribuiu para o reforço da capacidade de liderança individual e coletiva, do sentido de camaradagem, do espírito de corpo e da coragem física e moral de todos os participantes, e ainda para a consolidação das boas relações com os outros estabelecimentos de ensino superior militar e policial.

A presença desta delegação da EN constituiu, igualmente, uma oportunidade de ligação à sociedade civil: por um lado, aproximando os cadetes das populações, da cultura regional e local e dando-lhes a conhecer a geografia do nosso país; por outro lado, levando os futuros oficiais da Armada a divulgar a Marinha e, em especial, a missão da Escola Naval e as suas atividades junto de um público diversificado, dando a conhecer aos portugueses o seu lema “Talant de bien faire”.



Colaboração da **ESCOLA NAVAL**

ENTREGAS DE COMANDO/TOMADAS DE POSSE

DIRETOR DE PESSOAL

Presidida pelo Superintendente do Pessoal, VALM Soares Ribeiro, realizou-se no passado dia 27 de fevereiro, na sala Lusíada, nas Instalações Navais de Alcântara, a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor de Pessoal, COM Sardinha Monteiro. Além da guarnição da Direção de Pessoal (DP), estiveram presentes, nesta cerimónia, diversos oficiais generais, além de outros oficiais, sargentos, praças, militarizados e civis, que se quiseram associar a este evento.

Após a leitura da Ordem do Dia, foi imposta pelo VALM Soares Ribeiro, a Medalha Militar de Mérito Militar – 1ª Classe – ao COM Neves Correia.

Seguidamente, foi lido o despacho de nomeação do novo diretor, que usou da palavra, começando por manifestar a honra sentida pela oportunidade de servir a Marinha na direção do órgão que se ocupa daquele que identificou como o centro de gravidade institucional: as Pessoas.

O COM Sardinha Monteiro sistematizou os dois grandes desafios futuros no âmbito da gestão de recursos humanos: a capacidade de manter o talento individual existente na Marinha, elevando os níveis de motivação e de satisfação pessoal; e a capacidade de atrair mais portugueses e portuguesas, dispostos a servir Portugal na Marinha, na certeza de que as dificuldades de recrutamento são estruturais e não se resolvem no curto prazo, obrigando a respostas inovadoras, criativas e arrojadas. Concluiu, manifestando total disponibilidade para responder com eficácia e eficiência aos desafios do futuro, decorrentes da Visão do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.

Na sua alocação, o Superintendente do Pessoal realçou, que a atuação do órgão gestor do pessoal da Marinha se deve pautar por um conjunto de características, que devem ser consideradas como alicerces e como pilares imutáveis. A gestão das pessoas deve, assim, ser: **Credível**, pelo seu rigor, transparência e eficácia; **Preocupada** com aqueles que são objeto das decisões e das ações desenvolvidas, considerando as suas ansiedades e expectativas; **Participada**, por indivíduos e entidades de colocação, na maior extensão possível; e **Flexível**, para permitir uma resposta ágil às necessidades operacionais da Marinha.

No final da cerimónia, os presentes cumprimentaram e felicitaram os dois oficiais: o empossado e o agraciado.



SÍNTESE CURRICULAR

O COM Nuno Sardinha Monteiro ingressou na Escola Naval em 1986, tendo concluído o curso de Ciências Militares-Navais em 1991.

Comandou a lancha rápida de fiscalização Dragão, entre 1992 e 1994, e o navio-escola Sagres, entre 2011 e 2013. Efetuou comissões de embarque nas fragatas *Sacadura Cabral* e *Vasco da Gama*, no navio-patrulha *Limpopo* como oficial imediato e no navio-escola *Sagres* como oficial navegador.

Possui o mestrado e o doutoramento, em Navegação, ambos pela Universidade de Nottingham (Reino Unido). Em 2008, recebeu, de Sua Alteza Real o Duque de Edimburgo, o título de *Fellow of the Royal Institute of Navigation* – distinção concedida

às personalidades que mais se destacaram, a nível mundial, no âmbito da navegação.

Já publicou, como autor, co-autor ou coordenador, sete livros, bem como numerosos artigos científicos e técnicos em revistas estrangeiras e nacionais, pelos quais já recebeu diversos prémios.

Prestou serviço, entre 2013 e 2016, no *Allied Command Transformation*, o comando estratégico da NATO sediado em Norfolk (EUA), e foi Chefe das Divisões de Recursos (2016-2019) e de Planeamento (2020-2022), do Estado-Maior da Armada. Antes de assumir o cargo de Diretor de Pessoal, da Marinha, em 27 de fevereiro de 2023, desempenhou a função de Chefe da Divisão de Planeamento Estratégico Militar (DIPLAEM), do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

DIRETOR DE FORMAÇÃO

No dia 15 de março, o CMG Ferreira da Silva tomou posse como Diretor de Formação. A cerimónia, decorreu na Superintendência do Pessoal (SP) e foi presidida pelo VALM Soares Ribeiro.

Após a leitura da Ordem com o despacho de nomeação do louvor concedido ao diretor cessante, CMG Pereira Simões, o empossado usou da palavra e identificou os seguintes desafios: adequar a formação às necessidades da Marinha, ajustando os ciclos de formação e a oferta formativa; promover a inovação no domínio das tecnologias de formação, implementando uma estrutura, processos e metodologias de apoio à autoformação e à formação à distância, baseada nas novas tecnologias; reforçar o reconhecimento externo da formação, diligenciando no sentido de obter a certificação, pelas entidades competentes, das Escolas e Centros de Formação, bem como dos cursos ministrados.

Na sua alocução, o VALM Soares Ribeiro frisou que considerava a Direção de Formação um dos poucos órgãos da Marinha com capacidade transformacional, relevando, como tal, a importância estratégica da sua atividade. Neste enquadramento, incitou o Diretor de Formação a manter um permanente diálogo, interna e externamente, com as entidades que, direta ou indiretamente, influenciam o Sistema de Formação Profissional da Marinha, identificando, de seguida, diversas ações prioritárias a desenvolver no curto prazo, para responder aos desafios que se colocam à Marinha.



SÍNTESE CURRICULAR

O CMG Jaime Carlos do Vale Ferreira da Silva entrou para a EN em 1989 tendo concluído a licenciatura em Ciências Militares-Navais em 1994. É especializado em navegação, possui ainda o mestrado em Estratégia e o doutoramento em Estudos Estratégicos, ministrado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP).

Em terra, foi assessor do Almirante CEMGFA, oficial de estado-maior da Divisão de Planeamento do Quartel-General da NATO, em Nápoles, responsável pela área de Conceitos e Estratégia da Divisão de Planeamento

do Estado-Maior da Armada, professor de Geopolítica do Instituto de Estudos Superiores Militares e professor de Navegação da Escola Naval.

No mar, foi Comandante do Agrupamento de Navios da Escola Naval, Comandante do N.R.P. *Polar*, e oficial navegador das fragatas *Álvares Cabral*, *Comandante Hermenegildo Capelo* e *Comandante João Belo*, e da corveta *Jacinto Cândido*.

É, também, professor convidado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Tem publicados cinco livros, bem como diversos artigos científicos, em revistas nacionais e estrangeiras.



Marinha

Holística, Focada, Pronta, Útil, Significativa e Tecnicamente Avançada



Junta-te a nós...



www.marinha.pt



LIVRO

UM NAVIO NO LIBERALISMO: A(S) CHARRUA(S) SÃO JOÃO MAGNÂNIMO MDCCXCVI – MDCCCXLV

É uma obra da autoria do Guarda de 2ª Classe, PEM, José Luís Santos Cardoso, nascido em Guilhovai, Ovar, que nos transporta para a era das grandes navegações à vela dos finais do Século XVIII e da primeira metade do Século XIX.

Este trabalho, baseado numa investigação do autor, analisa a importância da construção, no litoral brasileiro, das charruas para a Marinha Real Portuguesa e realça, em especial, a atividade da Charrua São João Magnânimo, entre 1796 e 1845, no apoio logístico prestado às Possessões Ultramarinas na região Indo-Pacífica (Moçambique, Goa, Macau e Timor) e no Atlântico (Brasil, Angola, Cabo Verde e S. Tomé).

Uma charrua é, basicamente, um navio de transporte (hoje chamar-lhe-íamos um navio de apoio logístico, tipo *São Miguel*), à vela, dispondo de cem homens para a sua manobra, governo, carga e descarga. Embora sem caráter militar, dispunha de 24 peças de artilharia para defesa própria. Transportou, inicialmente, madeira brasileira para os estaleiros reais de Lisboa.

A charrua em causa saiu de Lisboa no final de novembro de 1807, participando na grande expedição que transportou a Família Real e a corte para o Brasil, face ao avanço das tropas francesas comandadas pelo GEN Junot (Primeira Invasão). Foi abordada pelo autor a particularidade da Charrua São João Magnânimo ter sido um dos navios da esquadra que transportou todo o espólio e pertences da Academia dos Guarda-Marinhas, conforme descrito no inventário detalhado, ordenado pelo Barão de Arruda, Almirante da Armada Real.

A obra também aborda os inícios da aplicação do Direito Marítimo Internacional e o conceito de presa, aquando da sua apreensão pela Esquadra Liberal, ficando apreendida no Porto de Brest cerca de dois anos, e, portanto, do lado das causas liberais, aquando da guerra civil que opôs D. Pedro a D. Miguel.

Após a independência do Brasil e a vitória dos liberais, foi empenhada na carreira da Índia e em especial no apoio aos Administradores das Possessões Ultramarinas em termos de logística e segurança, quer dos portos, barras e interior das cidades, quer na redistribuição dos Administradores Coloniais e suas respetivas famílias, militares, presos e degredados.

Este livro aborda a dinâmica deste tipo de navios, quer nos portos, quer em mar aberto, assim como a orgânica existente à época, quer no interior do navio, quer entre o navio e o Arsenal Real da Marinha. O autor pretendeu assim, contribuir para o conhecimento de uma realidade histórica muito diferente da

atual, embora com o mesmo objetivo - manter a Marinha ativa, dinâmica, pronta e eficaz a fim de dar resposta aos desafios colocados, quer à sociedade quer às novas correntes ideológicas que vinham ganhando expressão na Europa em geral, na Península Ibérica em especial, advindas dos ideais da Revolução Francesa. Esses desafios ocorrem ente os reinados das duas Marias, D. Maria I e a D. Maria II. A charrua São João Magnânimo vai “viver” a perda e Independência do Brasil (que teve uma “mãozinha” nos interesses dos ingleses, então principal potência marítima, interessados na obtenção de matérias-primas face ao seu desenvolvimento industrial, com a introdução da máquina a vapor, e no fim da escravatura, como mão-de-obra).

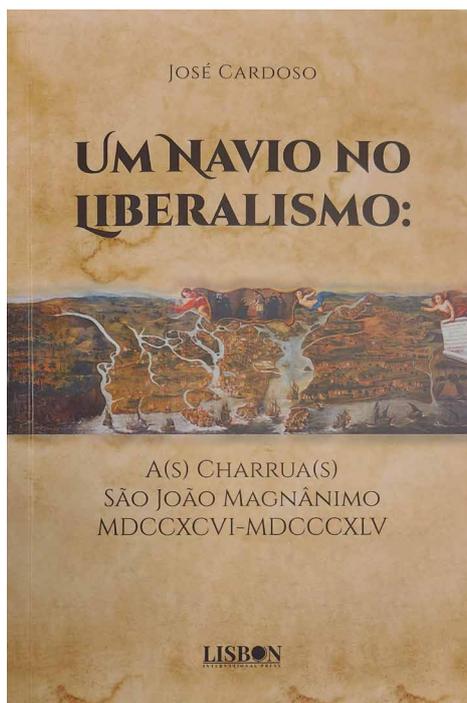
A leitura desta obra também nos transporta para tempos em que: as comunicações eram efetuadas através de bandeiras e pequenos luzeiros; os Comandantes tinham que lidar com dificuldades imensas que iam desde o processo de recrutamento, ao abastecimento e aos consertos do casco e da mastreação; as epidemias a bordo; o bem-estar e alojamentos da tripulação, a disciplina e os castigos a aplicar, face ao tipo de delinquência; e o relacionamento com os Governadores das Possessões Ultramarinas.

Nunca os Governadores, que iam a bordo, interferiram nas decisões dos Comandantes. Com esta obra, podemos observar como foram aplicadas as Constituições de 1822 e de 1838, e a Carta Constitucional de 1826, nas Possessões Ultramarinas, como a bordo eram juradas, inicialmente pela oficialidade e, depois, pela restante guarnição. O autor salienta ainda quão difícil e moroso era navegar à vela, relata as tempestades enfrentadas (uma delas teimava em não deixar a charrua dobrar o Cabo das Tormentas), as monções, os

longos trânsitos marítimos.

A atividade da charrua chegou ao fim com o seu desmantelamento, em 1845. Não “assistiu”, portanto, à chegada da Regeneração, em 1851, ao início do reequipamento naval e à passagem para a propulsão a vapor e a construção em ferro, iniciada em 1857.

A Revista da Armada (RA) agradece ao autor a oferta deste exemplar, que irá ser incluído e assim enriquecer a Biblioteca. O autor prontificou-se em colaborar com a RA na elaboração de pequenos textos a publicar futuramente, transcrições do livro.



GANTURÉ, OS NOSSOS APARTAMENTOS: “BUNKERS”



Autor: 2 TEN TSN-ARQ Paulo Guedes

Um dia depois de termos sido transbordados, no Caió, numa Lancha de Desembarque Grande (LDG), fizemos-nos rumar a Ganturé, com um calor arrasador e uma paisagem luxuriante.

Na pomposamente apelidada de Base Naval de Ganturé (BAPAT¹ Ganturé), as praças ficaram instaladas num antigo, envelhecido e esventrado armazém comercial de arrecadação de mancarra, que fora da “Casa Gouveia”.

No entanto, a maior parte dessas praças não estranhou: era-lhes já conhecida como caserna, porque, alguns deles, tinham sido seus “estreantes” há cerca de dois anos. Os abrigos de Ganturé (uma espécie de *bunkers* em cimento, a nossa casa de férias...) estavam ocupados pelos outros destacamentos ali sediados.

Íamos substituir o DFE² 3, do Comandante José Silva Dias que, entretanto, recebera ordem de marcha para Buba e, mais tarde, para o Cacheu. À nossa chegada, ficou lá meio DFE.

Naqueles dias, encontravam-se, em Ganturé, quatro Fuzileiros integrantes do 14º CFORN: o Mesquita e Carmo³ e o Miguel Soares⁴ (DFE 3), o Manel Ferreira (pelotão independente – CF⁵ 10) e eu, o “periquito” do DFE 12.

Por Bissau, ou Bolama, ou a navegar, andavam o Eduardo Gaspar (C 10), o Fernando Roldão, o Luís Nogueira, o Joaquim Januário, o António Sousa Dias (C 3) e o Eduardo Veiga Rica (DFE 21). Com este último, nunca me encontrei na Guiné.

Naquela antiga província ultramarina, era Comandante do COP 3, a região militar que enquadrava Ganturé, sediado em Bigene, um oficial superior da Marinha, facto relevante, pois era o único responsável da “Briosa⁶” a exercer um cargo operacional regional fora de Bissau.

Não o conhecia. Apenas tinha ouvido falar nele, vagamente, naquelas conversas de ocasião, na Escola de Fuzileiros, com oficiais

e praças, que com ele, privaram ou foram seus subordinados ou instruídos. Era enaltecido como um grande Comandante operacional de Fuzileiros. Só soube que ele estava à frente do COP 3, quando no-lo transmitiram, em Bissau.

Um dia de manhã, após a formatura de distribuição de serviços, o Ruas e eu sentamo-nos no alpendre exterior do edifício onde, em frente, brotavam frondosas bananeiras que, soubemos depois, ali tinham sido plantadas pelo nosso meticuloso agrónomo ambiental, camarada do 14º, Manuel Flash.

A determinada altura, reparámos que um jipe vindo dos lados de Bigene, parara junto a essas bananeiras. Não descortinamos quem seria. As árvores de fruto impediam a visão. Só quando, de repente, ao surgir ao nosso lado, em passo acelerado, sem qualquer cumprimento, verificamos que se tratava de um homem corpulento, vestido com farda interna da Marinha. Nem sequer, nesse momento, conseguimos vislumbrar-lhe os galões. Entrou na sala da messe, que servia de refeitório, onde já estava o Mendes Fernandes e que devia já contar com o visitante, mas que não nos informara da sua presença.

Deduzimos que fosse o Comandante Calvão.



Serafim Ivo Gonçalves Lobato

14º CFORN

In Crónicas Intemporais da Guerra e da Fraternidade

N.R.

O autor não adota o novo acordo ortográfico.

Notas

¹ Base de Patrulhas.

² Acrónimo de Destacamento de Fuzileiros Especiais.

³ Autor de artigos nas edições 573 e 575 da RA.

⁴ Autor de artigos nas edições 548, 556, 558, 560 e 562 da RA.

⁵ Acrónimo de Companhia de Fuzileiros Navais.

⁶ Designação atribuída, na gíria, à Marinha de Guerra Portuguesa.

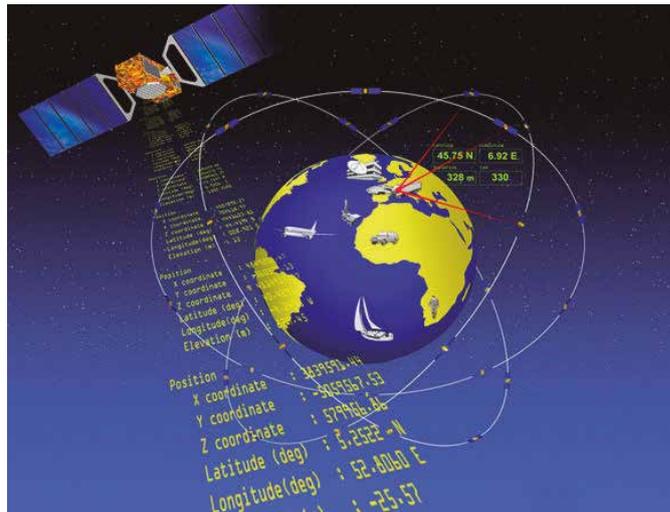
ALTERNATIVAS AO GPS

De 21 a 23 de março decorreu, na Escola Naval e no Centro de Experimentação Operacional da Marinha (CEOM) em Troia, a reunião do NATO SET RTG-309, grupo de Investigação da NATO criado para desenvolver e demonstrar sistemas modulares, de arquitetura aberta, do tipo PNT (*Position, Navigation and Timing*), resilientes, com a necessária robustez e integridade para operar em ambientes onde o sinal GNSS (*Global Navigation Satellite System*) está degradado, estando desse modo disponíveis para serem utilizados por sensores e armas.

Os eventos na Ucrânia, e a emergência de conflitos entre grandes potências, expuseram a necessidade de acelerar o uso de novas tecnologias como alternativas ao GPS. Daí ter surgido o tópico de investigação “NATO PNT Open System Architecture & Standards to Ensure PNT in NAVWAR Environments”.

Pretende-se avaliar a exequibilidade de empregar o padrão de dados promovido pela *Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA)*, no programa *All Source Position and Navigation (ASPN)*. Para validar tal desiderato, haverá que recorrer a testes de experimentação nos diversos domínios operacionais: mar, terra e ar.

O encontro contou com a presença de 21 participantes, de 12 nacionalidades diferentes. A Marinha Portuguesa colaborou,



assim, nos esforços de desenvolvimento e investigação da NATO STO (Organização para a Ciência e Tecnologia) em cenários de disrupção dos serviços GNSS em ambientes de combate.

Colaboração da EN - CINAV

HOMENAGEM NACIONAL AOS COMBATENTES 2023

Realiza-se no próximo dia **10 de junho**, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém, a Homenagem Nacional dos Combatentes 2023.

O Programa, é o seguinte:

- 10H30** – Missa por intenção de Portugal e de sufrágio pelos seus mortos, nos Jerónimos, presidida pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança;
- 12H15** – Abertura da cerimónia junto ao Monumento aos Combatentes;
- 12H15** – Palavras de abertura do Presidente da Comissão Executiva;
- 12H19** – Presidente lê mensagem de Sua Exa. o Senhor Presidente da República;
- 12H23** – Discurso alusivo feito pelo orador convidado, Professor Doutor Rui Ramos;
- 12H31** – Cerimónia inter-religiosa católica e muçulmana;
- 12H39** – Homenagem aos mortos e deposição de flores;
- 13H02** – Hino Nacional pela Banda da GNR (salva por navio da Armada);
- 13H05** – Passagem de aeronave da Força Aérea;
- 13H09** – Passagem final pelas lápides;
- 13H30** – Salto de Para-quedistas do Exército;
- 13H35** – Almoço-convívio nos terrenos frente ao Monumento.



QUARTO DE FOLGA

JOGUEMOS O BRIDGE

Problema nº 264

NORTE (N)

♠	♥	♦	♣
D	10	D	A
10	9	6	10
9	8	5	4
			2

SUL (S)

♠	♥	♦	♣
A	5	A	8
R	3	R	
V	2	8	
3		7	
			2

GRAU DE DIFICULDADE – FÁCIL CARECENDO DE ATENÇÃO

Todos vuln. S abre em 1♣, N apoia com 2♠ e S marca a partida em 4 com os seus 15 bons pontos+3 de distribuição. Recebe a saída ao ♥R, e dá as 3 primeiras vazas no naipe seguido do ataque de ♣R por E. Como deve S jogar para tentar fazer as restantes vazas, precavendo-se para uma distribuição dos ♦4-2 e informando-se que a mão com 4 tem 2 trunfos, pois esses estão 3-2 (68% de probabilidades)?

SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 264

Numa primeira análise as 10 vazas estarão garantidas se os ♦ estiverem 3-3 (36%), fazendo 5♠+♦+1♣. Todavia, S deverá preservar-se para uma distribuição mais desfavorável de 4-2 (48%), e seguir portanto uma linha de jogo que lhe permita cobrir essa hipótese mais provável. Face ao teor dos trunfos no morto, a linha mais recomendável será a do "morto invertido", técnica já abordada em problemas anteriores, mas que entendi ser de recordar, para estar sempre presente quando podermos sobre a melhor linha de jogo a seguir. Vejamos então como S deve jogar: faz ♣A e joga outro ♣ que corta de 2; vai ao morto com V de trunfo que cobre de D e joga outro ♣ para cortar de A; volta ao morto para o 10 de trunfo e joga o último ♣ para cortar de R, tendo esgotado todos os trunfos da mão; entra agora no morto em ♠D, joga ♠9 para acabar o destrunfo e balda o ♦ para acabar o destrunfo e balda o destrunfo da mão.

Nunes Marques
CALM AN

SOPA DE LETRAS

Problema nº 02

B	A	I	O	A	R	A	C	I	B	A	S	T	A
A	L	U	N	S	T	A	I	G	E	A	B	S	C
L	A	B	O	C	A	R	D	A	R	S	O	L	E
E	G	I	B	U	L	A	I	R	A	U	T	E	I
M	U	A	A	T	A	S	U	I	B	V	A	T	R
E	E	O	V	E	R	T	E	D	O	R	V	O	U
A	B	R	O	L	H	O	S	U	N	U	I	R	A
I	E	I	O	U	A	S	T	A	A	V	G	I	E
A	C	E	I	T	A	R	I	O	D	U	I	V	A
O	T	I	E	L	S	T	A	B	O	I	A	D	O

SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 02

- ↕ ABICAR
- ↕ ABOCARDAR
- ↕ ABOIADO
- ↕ ABONO
- ↕ ABONADO
- ↕ ACEIRO
- ↕ ABROLHOS
- ↕ ACEITAR
- ↕ VIROTE
- ↕ VIGIA
- ↕ VERTEDOR
- ↕ ELO
- ↕ LEITO
- ↕ LEME
- ↕ IGAR
- ↕ GALA

Dias Matias
SCH CM

SUDOKU

Problema nº 96

FÁCIL

8		2	1								
				4	7						
				9	2						
										7	
					3				1	2	
			7	8		4					
		1				7	3				
		8			9					4	
9	7				6	8					

SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 96

FÁCIL

5	2	8	9	1	7	3	4	6
7	9	1	6	4	5	8	2	3
6	3	4	8	2	5	1	9	7
3	6	7	5	8	4	9	2	1
2	1	9	7	3	6	8	5	4
4	8	5	1	9	2	7	6	3
8	7	3	2	6	9	4	1	5
1	5	2	4	7	8	6	3	9
9	4	6	3	5	1	2	7	8

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

BRIDGE: PROBLEMA Nº 263

Analisando as 2 mãos e informações dadas sobre a distribuição dos ♦ constatamos que S necessitará sempre do R♥ bem colocado, precisando mesmo de fazer 2 passagens para as suas 9 vazas 2♠+3♥+3♦+1♣. Para tanto terá de arranjar uma forma de dispor de mais uma mão no morto para além do R♦. A saída às 4ªs mostra que existem nas outras 3 mãos 6 cartas acima do 5 (regra dos 11, 11-5), pelo que E não terá mais nenhuma depois do A8, tudo indicando que W tenha saído com 5 cartas de D. O V de N será, pois, uma carta valiosa para a 2ª entrada que faltava, bastando portanto baldar o seu R de baixo do A na primeira jogada.

SUDOKU: PROBLEMA Nº 95

FÁCIL

8	3	1	5	2	9	6	7	4
9	7	6	4	1	3	2	8	5
4	2	5	6	8	7	1	9	3
7	1	3	8	5	2	4	6	9
6	9	2	3	7	4	8	5	1
5	8	4	1	9	6	3	2	7
1	4	8	7	6	5	9	3	2
3	5	9	2	4	8	7	1	6
2	6	7	9	3	1	5	4	8

NOTÍCIAS PESSOAIS

NOMEAÇÕES

• VALM António Manuel de Carvalho Cândido, Inspetor-Geral da Marinha.

RESERVA

• CMG M Paulo Jorge Palma Alcobia Portugal • CMG M Carlos Alberto Pereira Simões • 1TEN TS António Manuel Ribeiro Marques Lopes • SMOR Jorge Manuel Correia Lourenço • SMOR FZ Francisco José de Almeida Toco • SMOR C Paulo Jorge Leal Simões • SCH FZ António Carlos Fernandes Gomes • CMOR L Nuno Manuel Dionísio Coelhas • CMOR L António José Lopes Peres • CMOR A Jorge Manuel Coelho Canelas • CMOR V António João Atanásio Gomes • CMOR CM Carlos Alberto da Mota da Costa • CMOR CCT José António Marques Fernandes Duarte • CMOR FZ António de Almeida Rodrigues • CMOR M José Francisco Pinto Lopes • CAB CRO José Carlos de Jesus Silva • CAB CM António Domingos Ferreira de Andrade • CAB TFP Silvino Feliciano Rodrigues Louro • CAB FZ Felisberto Marques Basílio.

REFORMA

• ALM António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro.

FALECIDOS

• 6343 VALM M REF Rui do Carmo Fernandes • 70851 CMG EMQ REF José António Soromenho Preto • 274370 CMG M REF Octávio dos Santos Costa Correia • 144050 CMG M REF Hermínio José Pereira Nunes • 295052 1 TEM OTS REF José Luís Gomes Quental • 340853 1 TEM OTT REF Manuel Silva Carriço • 278778 SMOR H REF José António Fernandes Esteves Rosinha • 158168 SMOR M REF Carlos Manuel Rocha Pardal • 700361 SMOR FZ REF • 700361 SMOR FZ REF Joaquim Gregório Mateus • 81968 SCH FZ REF Francisco Rosado Serrano • 208549 SAJ SE REF Adelino Rodrigues • 990163 SAJ L REF António Abreu de Melo • 294452 SAJ CM REF Agostinho Belo Calado • 312553 SAJ R REF José Gonçalves • 277373 SAJ H REF José António Cavaleiro Perpétuo • 183346 SAJ E REF Ireneu da Silva Lourenço • 281751 1SAR CE REF Porfírio Júlio de Amorim • 5672 1SAR ETI REF Jorge Pires de Horta • 99065 1SAR TF REF António Joaquim • 452957 1SAR FZ REF Adérito dos Santos Pinheiro • 293844 1SAR SE REF Francisco Manuel Pinto • 388055 1SAR M REF Manuel dos Santos • 24571 1SAR L REF António Tavares Rodrigues de Brito • 451357 CAB TFH REF Leonel Pires Vilela • 106182 CAB M REF Carlos Jorge Martins Oeiras • 292852 CAB TFH REF Manuel Ribeiro • 653360 1MAR A DFA REF Joaquim Rosa Henriques • 34015059 MAQ 1ª CL QPMM António José Bicha.

CONVÍVIOS

FUZILEIROS DOS TEMPLÁRIOS



Realiza-se no dia **14 de maio**, no Restaurante *Quinta da Gracinda*, Valdonas, em Tomar, o 25º almoço/convívio de Fusileiros dos Templários.

Para mais informações os interessados poderão contactar: Narciso TM 915871424 e Manuel Marques TM 964175325

ASSOCIAÇÃO DE MARINHEIROS DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Realiza-se no dia **4 de junho**, em S. Leonardo de Galafura, o encontro anual da Associação de Marinheiros de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Os interessados deverão contactar: Serafim Fraga TM 966477138, António Barros TM 967042728, Caseiro Marques TM 965068967.

NRP ÁLVARES CABRAL - 3ª GUARNIÇÃO (1996/1999)

Vai realizar-se no dia **17 de junho** o 6º almoço/convívio da 3ª Guarnição (1996/1999) da fragata *Álvares Cabral*. O evento é alargado a familiares e amigos e vai ter lugar na *Quinta dos Girassóis* em Fernão Ferro – Seixal. Contactos para inscrições: Levy Fernandes SMOR CM TM 966534391 francolevi@gmail.com, Fernando Correia SCH SE TM 939391329 fericocorreia@gmail.com e João Códices SAJ A TM 937494548 codices409@gmail.com

“FILHOS DA ESCOLA” DE 1985 - 38º ANIVERSÁRIO



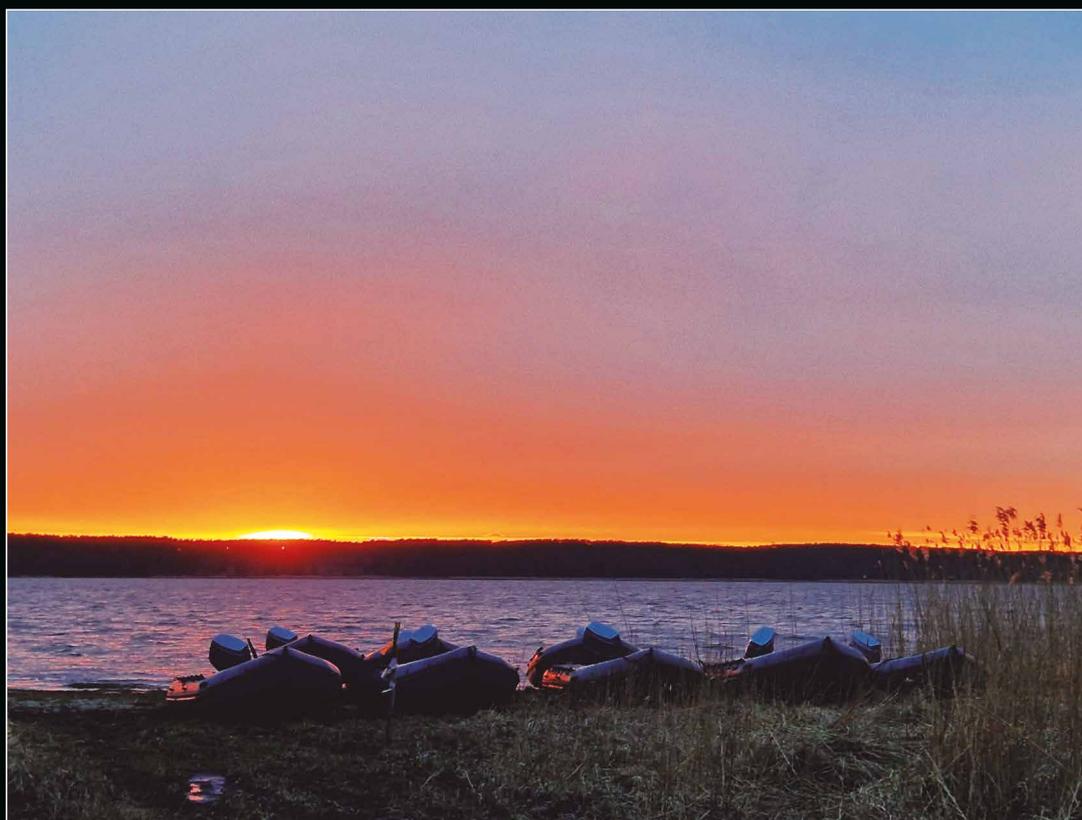
Realiza-se no dia **22 de julho** o almoço/convívio dos “Filhos da Escola” de 1985. O encontro realiza-se na cidade de Aveiro no restaurante *João Capela*.

Os interessados deverão contactar: João Carlos Cruz TM 967878870 e Sousa Eurico por mail: armadafilhosdaescolade1985@gmail.com.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA



MAREX 2023
NRP Corte-Real



FEZ na Lituânia 2023
FFZ

MARINHA PORTUGUESA EM SELOS (V)

175 Anos da Escola Naval, 2020



175 anos Escola Naval



Bloco e carimbo de
1.º dia da emissão
Autor: AF Atelier

Coleção CTT Correios
de Portugal
Imagens cedidas por
CTT Correios de
Portugal.

A Escola Naval, criada a 23 de abril de 1845, dispõe de um órgão responsável pelas atividades de investigação, desenvolvimento e inovação – Centro de Investigação Naval (CINAV) – que coordena e apoia as atividades de investigação, desenvolvimento e inovação da Marinha.

